

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
EM REDE NACIONAL

RAFAELA LUNARDI MARTINS

DO CHÃO DA ESCOLA: USO DO CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Santa Maria, RS 2025

RAFAELA LUNARDI MARTINS

DO CHÃO DA ESCOLA: USO DO CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História em Rede Nacional da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Título de Mestra em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. José Iran Ribeiro

Santa Maria, RS
2025

Martins, Rafaela Lunardi
DO CHÃO DA ESCOLA: USO DO CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA
/ Rafaela Lunardi Martins.- 2025.
90 p.; 30 cm

Orientador: Jose Iran Ribeiro
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
História em Rede Nacional, RS, 2025

1. Ensino de História 2. Cinema I. Ribeiro, Jose Iran
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, RAFAELA LUNARDI MARTINS, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Rafaela Lunardi Martins

DO CHÃO DA ESCOLA: USO DO CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História em Rede Nacional da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Título de Mestra em Ensino de História.

Aprovada em 15 de abril de 2025 Banca examinadora:

Prof. Dr. José Iran Ribeiro (Presidente/Orientador) UFSM

Prof. Dr. Gilvan Odival Veiga Dockhorn UFSM

Prof^a. Dr. Claudia Regina Costa Pacheco CMSM

Santa Maria, RS
2025

Agradecimentos

Ao professor José Iran Ribeiro, que me acolheu, orientou, direcionou e tornou esse trabalho possível.

Ao professor Jorge Luiz da Cunha, por sua paciência, objetividade, mostrar caminhos, abrir portas e sinalizar o que deveria ir para a pasta azul. Sem seu apoio e direcionamento esta caminhada não teria sido possível. Infelizmente não finalizei esse trabalho a tempo dele em vida ler o trabalho final, mas quem sou enquanto pessoa e profissional tem muito dele.

Aos colaboradores dessa pesquisa, professoras e professores da Rede Básica de diferentes lugares, que me presentearam com suas narrativas e experiência, me apresentaram diversidade de experiências e emoções.

À minha família pelo apoio incondicional ao longo do curso, prestando-me todo o auxílio e compreendendo minhas ausências inevitáveis.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da UFSM, que me proporcionaram prazerosos momentos de debate e reflexão nestes tempos de desvalorização da ciência e do livre pensar. Em especial, à Professora Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad por todos os momentos de conversas, auxílios e sugestões.

A todos os servidores e servidoras espalhados pelo Brasil que têm possibilitado o sucesso e a expansão do ProfHistória. O trabalho destes verdadeiros heróis e heroínas, em tempos de ameaças à educação pública brasileira, vem derrubando os muros que há tanto tempo separavam a academia e os profissionais da educação básica.

Aos meus colegas da turma do ProfHistória 2019/2021, nosso convívio, experiências e debates foram fundamentais para a realização desta dissertação. Obrigada a todas e todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta caminhada, tornando-a mais prazerosa.

“Não sei, só sei que foi assim!”
(Filme “O Auto da Compadecida” 2000).

RESUMO

DO CHÃO DA ESCOLA: USO DO CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA

AUTORA: Rafaela Lunardi Martins

ORIENTADOR: José Iran Ribeiro

Esta dissertação investiga experiências de professores e professoras da Educação Básica quanto ao uso do cinema no ensino de História. A pesquisa parte de um diagnóstico realizado na Rede Municipal de São Francisco de Assis (RS), que evidenciou o uso restrito dessa linguagem audiovisual em sala de aula, principalmente por razões estruturais, curriculares e simbólicas. Diante desse contexto, foram coletadas narrativas autobiográficas de docentes de diferentes regiões do Brasil, com o objetivo de compreender práticas que incorporam o cinema nas aulas de história. A análise dessas narrativas revelou tanto os desafios enfrentados quanto as possibilidades criativas e afetivas do uso do cinema em sala de aula. O trabalho fundamenta-se nas contribuições teóricas de Marc Ferro (1992), Jörn Rüsen (2001), Marcos Napolitano (2003) e Felipe Macedo (2010), além de incluir um levantamento de dissertações do ProfHistória. Como produto educacional, foi elaborado um livreto que sistematiza práticas e relatos, com o objetivo de estimular o uso do cinema como recurso didático no ensino de História. A afetividade presente nas vivências narradas revelou-se um elemento transversal nas relações entre cinema, memória e aprendizagem histórica.

Palavras-chave: Ensino de História; Cinema; Narrativas de Si.

ABSTRACT

FROM THE SCHOOL GROUND: OF USING CINEMA IN HISTORY TEACHING

AUTHOR: Rafaela Lunardi Martins

ADVISOR: José Iran Ribeiro

This dissertation investigates the experiences of Basic Education teachers regarding the use of cinema in History teaching. The research begins with a diagnostic conducted in the Municipal Education Network of São Francisco de Assis (RS), which highlighted the limited use of audiovisual language in the classroom, primarily due to structural, curricular, and symbolic constraints. In response, autobiographical narratives were collected from teachers across different regions of Brazil in order to understand pedagogical practices that incorporate cinema into History lessons. The analysis of these narratives revealed both the challenges faced and the creative and affective possibilities that emerge from the use of cinema in educational settings. The theoretical foundation draws from Marc Ferro (1992), Jörn Rüsen (2001), Marcos Napolitano (2003), and Felipe Macedo (2010), alongside a review of dissertations from the ProfHistória program. As an educational product, a booklet was developed to systematize practices and testimonies, aiming to encourage the use of cinema as a didactic resource in History teaching. The affective dimension present in the teachers' experiences proved to be a transversal element in the relationship between cinema, memory, and historical learning.

Keywords: History teaching; Cinema; Personal narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - ENSINO DE HISTÓRIA E CINEMA.....	14
1.1 Ensino de História.....	14
1.2 Construindo um diálogo: Educação e Cinema na Escola.....	23
1.3 Narrativas de Si: considerações acerca de metodologia.....	28
CAPÍTULO 2 – DO CHÃO DA ESCOLA: NARRATIVAS DE SI DE PROFESSORES E PROFESSORAS SOBRE O USO DO CINEMA NA ESCOLA.....	33
2.1 Introdução ao Cinema na Escola.....	33
2.2 Do chão da Escola: Narrativas de si.....	35
2.3 Relação dos colaboradores com o cinema.....	37
2.4 É fácil usar cinema na escola? Claro que não!.....	39
2.5 Cine clube ou Cine Debate na escola.....	43
2.6 Ver, sentir e fazer cinema na escola.....	45
2.7 Cinema e ensino de história na Pandemia Covid 19.....	47
CAPÍTULO 3 – O LIVRETO COMO PRODUTO EDUCACIONAL: DIÁLOGOS ENTRE EXPERIÊNCIAS DOCENTES E PRÁTICAS COM O CINEMA.....	53
3.1 Propósito e gênese do material.....	53
3.2 Estrutura do material e diálogo com a pesquisa.....	53
3.3 Considerações finais sobre o produto.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	64
Apêndice 1: Roteiro da entrevista semi-estruturada.....	64
Apêndice 2: Produto da dissertação Livreto “Do Chão da Escola”.....	65

INTRODUÇÃO

A elaboração de uma dissertação é um trabalho árduo que envolve pesquisa bibliográfica, busca de colaboradores e organização da escrita. No contexto do mestrado profissional, diferentemente de outras modalidades acadêmicas, os professores da Educação Básica, permanecem atuando em sala de aula, o que proporciona características singulares à pesquisa desenvolvida.

O ano de 2020 começou com a qualificação do projeto ambicioso, com muitos aspectos a serem trabalhados até a conclusão e entrega da dissertação. A proposta inicial buscava entender como o cineclube, inserido no espaço escolar, poderia contribuir para o Ensino de História, tendo os próprios estudantes como colaboradores centrais. No entanto, com a pandemia da COVID-19, a realidade escolar foi profundamente alterada, incorporando formatos de aula remota, síncrona e assíncrona. Esse cenário trouxe desafios como sobrecarga informacional, urgência na produção de relatórios e isolamento pedagógico.

A construção da dissertação precisou ser alterada e ressignificada em meio a tudo isso. No entanto, nem tudo foram dificuldades. Foi possível participar remotamente de diversos eventos, como o *Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*, onde tivemos contato com várias falas que destacaram a importância de dar voz aos professores da educação básica. Assim, de acordo com o orientador, o projeto foi reestruturado com um novo objetivo central: estimular o uso do cinema no Ensino de História na Rede Municipal de São Francisco de Assis, Rio Grande do Sul (RS). Os objetivos específicos foram reorientados para: a) relacionar o uso do cinema e o Ensino de História; b) coletar narrativas pessoais de professores de história que utilizem o cinema em suas práticas; c) aproximar as narrativas coletadas de diferentes espaços/localidades com a realidade encontrada em São Francisco de Assis, RS; e d) organizar um livreto contendo práticas e experiências que sistematizam o uso do cinema como recurso didático, para distribuição nas escolas da rede pública.

Uma análise diagnóstica dos Planos de Trabalho da disciplina de História (2020), na Rede Municipal de São Francisco-RS, revelou que o cinema praticamente

não era utilizado, não havia mencionado termos como cinema, filme ou obra cinematográfica. Essa constatação gerou inquietação: seria essa ausência fruto da formação docente, da falta de gosto pessoal, ou limitações estruturais.

Para responder a essas questões, foi realizada uma análise dos Planos de Trabalho de História do ano de 2020 da Rede Municipal de São Francisco-RS. Foi constatado que, dos cinco planos totais, nenhum, exceto o meu, menciona “cinema”, “filme”, “obra cinematográfica” ou qualquer outro termo referente a esse campo. Isso levanta a questão: seria esse diagnóstico uma consequência da situação imposta pela pandemia?

Para investigar mais a fundo, foi proposto um questionário com seis questões, no qual as professoras e os professores de História da Rede Municipal de São Francisco de Assis-RS responderam sobre o uso ou não do cinema em suas aulas. O resultado do questionário mostrou que apenas três dos cinco professores responderam e esses não utilizam o cinema no Ensino de História. Entre os motivos para o “não uso” foram apontados a falta de equipamentos e espaço físico adequado para a projeção de filmes nas escolas.

Diante dessa constatação, busquei compreender como o uso do cinema no Ensino de História é vivenciado. Colegas de diferentes regiões compartilharam suas narrativas, apresentando suas vivências enquanto estudantes (na educação básica e na universidade), enquanto professores e professoras de História e, principalmente, enquanto sujeitos com afetividades envolvidas com o cinema.

Devido ao contexto de 2020, não foi possível encontros presenciais, as narrativas foram realizadas virtualmente. Com todas as narrativas coletadas, precisei por questões pessoais me afastar das atividades acadêmicas, perdi os prazos para finalizar o mestrado, sendo necessário realizar a seleção novamente em 2021, para retornar em 2022/2023 e a prorrogação em 2024.

Retorno a análise das narrativas com o objetivo de compreender como esses professores e professoras utilizam o cinema no ensino de história. Após esse turbilhão de vivência pessoal, apresento enfim a dissertação, organizada da seguinte forma: No primeiro capítulo é apresentada uma revisão bibliográfica sobre o Ensino de História enquanto campo de pesquisa, bem como a relação entre cinema, educação e Ensino de História. Ainda neste capítulo é descrita a

metodologia empregada na construção da dissertação e são feitas considerações sobre as pesquisas que vêm sendo realizadas no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

A Lei 13.006/2014 prevê a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais na educação básica, sancionada em 26 de junho de 2014, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatória a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica do Brasil. Segundo a nova regulamentação, as instituições de ensino devem dedicar ao menos duas horas mensais à exibição de produções cinematográficas brasileiras, promovendo o contato dos alunos com obras audiovisuais nacionais. A lei visa incentivar o interesse pela cultura brasileira, valorizar a produção cinematográfica nacional e enriquecer o aprendizado dos estudantes por meio do cinema.

A exibição de filmes nas escolas é considerada uma ferramenta pedagógica, já que possibilita uma abordagem didática diversificada e estimula o desenvolvimento crítico dos alunos ao discutir temas históricos, sociais, culturais e artísticos. Além disso, o uso de filmes nas aulas pode despertar a reflexão sobre questões relevantes da sociedade brasileira, ajudando os alunos a se identificarem com as narrativas e a ampliarem sua percepção sobre o país e suas pluralidades. Assim, a Lei 13.006/2014 não apenas reforça a importância da valorização do cinema nacional, mas também potencializa o processo educativo, promovendo uma aprendizagem mais rica e integradora.

No segundo capítulo são analisadas as narrativas dos professores e professoras da rede básica de ensino, com o objetivo de sistematizar suas experiências e apresentar formas possíveis do uso do cinema no ensino de história e obras cinematográficas utilizadas pelos colaboradores, incluindo como apêndice Planos de Aula organizados, levando em consideração as competências e habilidades presentes na atual Base Nacional Comum Curricular.

No terceiro e último capítulo desta dissertação é apresentada a organização de um livro dedicado a explorar possibilidades para trabalhar o Ensino de História através do uso do cinema nas escolas da rede básica. O cinema, quando integrado de forma reflexiva e planejada ao ensino de História, pode se revelar um recurso potente para enriquecer o aprendizado e estimular o pensamento crítico dos alunos.

O uso de filmes históricos ou temáticos possibilita que os estudantes visualizem períodos históricos, compreendam diferentes perspectivas e desenvolvam uma relação mais próxima com o conteúdo.

Contudo, para que o cinema seja aproveitado como uma ferramenta pedagógica eficaz, é fundamental superar desafios estruturais e culturais no ambiente escolar, como a falta de equipamentos adequados e a resistência de alguns educadores que ainda enxergam o cinema como entretenimento, e não como um veículo de formação histórica. Diante dessas questões, esta pesquisa busca não só sensibilizar para o potencial do cinema no ensino de História, mas também oferecer propostas práticas e inspiradoras para que educadores possam incorporá-lo em suas aulas. Por meio da valorização de relatos e experiências de professores, registrados nas Narrativas de Si, e do levantamento de práticas bem-sucedidas em diferentes contextos educacionais, espera-se que este trabalho contribua para um diálogo enriquecedor sobre o cinema como ferramenta pedagógica. Ao final, pretende-se que esta iniciativa estimule uma nova perspectiva sobre o uso do cinema nas aulas de História, abrindo caminho para práticas pedagógicas mais dinâmicas, acessíveis e próximas da realidade dos estudantes.

CAPÍTULO I - ENSINO DE HISTÓRIA E CINEMA

1.1 Ensino de História

Historicamente, as universidades brasileiras pouco se dedicaram ao ensino como objeto de pesquisa e o ensino de História não foi exceção. Até a década de 1960, essa área era vista predominantemente como formação prática para professores, não como campo de investigação científica (COSTA; OLIVEIRA, 2007, p. 148).

Desde a década de 1960, houve mudanças significativas na forma como o ensino de História é percebido e praticado. Anteriormente, o ensino de História era visto principalmente como uma área de formação, não como um objeto de pesquisa. Nos últimos anos, os docentes têm ampliado suas abordagens, trabalhando temas como mudança e permanência de maneira mais crítica e dialógica.

Isso permitiu o desenvolvimento de estudos e investigações sobre as práticas pedagógicas, os currículos e os materiais didáticos utilizados no ensino dessa disciplina. Além disso, houve avanços significativos na maneira como os professores de história abordam a mudança e a continuidade em suas aulas nos últimos anos.

Essas mudanças refletem uma evolução na maneira como vemos o ensino de História, passando de uma visão centrada na transmissão de conhecimento para uma abordagem mais investigativa e crítica.

Atualmente há potentes matrizes teóricas, no Brasil e em âmbito internacional, preocupadas com as demandas, contextos e destinos da aprendizagem histórica. Pesquisas têm sido realizadas e os Programas de Mestrado Profissional em Ensino de História reúnem muitas das principais discussões sobre esse campo/objeto de pesquisa, dentre outras iniciativas. No entanto, esse tema é recorrente também em outros cursos, principalmente em pós-graduações *stricto sensu*, nas áreas de Educação e História.

Além disso, o papel da escola na sociedade tem sido questionado. Com o aumento do acesso à informação e aos conhecimentos produzidos pela humanidade, a ideia de que a escola é a única detentora do conhecimento não é mais válida. A escola precisa se adaptar a essa nova realidade e repensar sua função na sociedade.

De acordo com Jesus e Sá, 2010: “Nos tempos atuais, as práticas educacionais não parecem dar conta das transformações velozes tanto dos sujeitos imersos nessas práticas, quanto dos processos de aprendizagem” (JESUS; SÁ, 2010, p. 59).

Sendo assim, mostra-se necessário repensar a escola e propor novas formas de produzir conhecimento, sem que seja apenas um professor repassando o que aprendeu ao longo de sua formação ou instigando os estudantes a praticarem a leitura dos livros didáticos, os quais muitos deles não compreendem ou fingem ler.

Isso significa que é preciso buscar novas abordagens pedagógicas que sejam capazes de acompanhar as rápidas transformações da sociedade e dos processos de aprendizagem. A escola precisa ser capaz de promover uma educação mais dinâmica e interativa, que permita aos alunos desenvolverem habilidades e competências necessárias para lidar com os desafios do mundo contemporâneo. Isso pode incluir o uso de tecnologias educacionais, metodologias ativas de aprendizagem e a promoção de uma educação mais crítica e reflexiva.

Nessa lógica, o Ensino de História precisa ser repensado. Já não podemos seguir um ensino tradicional, precisamos, ao menos, de uma aprendizagem histórica significativa. Para Martins (2017), uma aprendizagem histórica significativa se dá a partir do agente histórico, ou seja, se constitui a partir do centro, o “eu” e a subjetividade individual, e a relação entre os três círculos concêntricos: o primeiro, formado pela relação dentro do âmbito familiar; o segundo, no ambiente escolar e de formação técnica ou científica; e o terceiro no ambiente social.

Isso significa que a aprendizagem histórica deve levar em consideração a experiência individual do aluno e sua relação com os diferentes ambientes em que ele está inserido. A escola tem um papel fundamental nesse processo, pois é nela que o aluno tem contato com diferentes perspectivas e visões de mundo. Portanto, é

importante que o ensino de História seja capaz de promover uma aprendizagem significativa, que permita ao aluno compreender sua própria história e a história da sociedade em que vive. De acordo com Rosanelli (2018)

Nenhum sujeito é uma ilha ou uma bolha isolada no cosmos. Todos são singulares e também coletivos. Todo sujeito está em constante processo de construção e formação, consigo, com os outros e com o todo, em um processo constante e conjunto (ROSANELLI, 2018, p. 4).

O cinema escola pode ser um importante elemento capaz de contribuir com esse processo de formação que Rosanelli (2018) sugere. Ao trabalhar com cinema e Ensino de História, tem-se a vivência consigo, com os outros e com o todo (representado aqui pela obra cinematográfica escolhida). Um exemplo dessa possibilidade é a exibição do filme *“Bekas e o Sonho Americano”* na sessão cineclubista realizada em 2019 na Escola Wilson Azambuja Vieira da Rede Municipal de São Francisco de Assis (RS). Através dessa sessão, estudantes do sétimo ano entraram em contato com a realidade vivenciada por crianças órfãs do Iraque. Sem o recurso do cinema, estudantes de uma pequena escola municipal provavelmente não teriam acesso a essa realidade.

Rodrigues (2013) afirma que identificou “no cinema, um importante meio de apreensão de conhecimentos históricos que servirão como subsídio para a formação da consciência histórica, que por sua vez, orienta o agir do indivíduo no mundo” (RODRIGUES, 2013, p. 18). A partir dessa afirmação, pode-se concluir que o autor entende a consciência histórica como o conjunto de informações históricas que possibilitam a competência de orientação no tempo de cada indivíduo. A consciência humana relacionada ao tempo se expressa pela habilidade de dar sentido a ele, sendo essa competência expressa pela produção de narrativas. Afinal, “as narrativas são produtos da mente humana e, por meio delas, os sujeitos envolvem lugar e tempo de uma forma aceitável para eles próprios” (SCHMIDT, 2009, p. 33). Isso sugere que as narrativas desempenham um papel importante na maneira como os indivíduos compreendem e dão sentido ao mundo ao seu redor.

No contexto do cinema na escola, isso pode significar que o uso de filmes como ferramenta pedagógica pode ajudar os alunos a construir narrativas sobre eventos históricos e sociais. Ao assistir a um filme, os alunos são expostos a

diferentes perspectivas e visões de mundo, o que pode ajudá-los a desenvolver sua própria compreensão dos eventos retratados. Além disso, a discussão em grupo após a exibição do filme pode incentivar os alunos a compartilhar suas próprias narrativas e refletir sobre as diferentes maneiras pelas quais os eventos podem ser interpretados.

Dessa forma, o cinema na escola pode ser uma ferramenta valiosa para promover a aprendizagem histórica significativa e ajudar os alunos a desenvolver habilidades críticas de pensamento e análise. Ao trabalhar com cinema no Ensino de História, os alunos têm a oportunidade de vivenciar consigo mesmos, com os outros e com o todo (representado pela obra cinematográfica escolhida), o que pode enriquecer sua compreensão do mundo e sua capacidade de dar sentido ao tempo.

O uso do cinema na educação histórica tem sido objeto de estudos e pesquisas em diferentes países e contextos. No Brasil, alguns autores que se dedicaram a esse tema são: Maria Auxiliadora Schmidt (2004), que apresenta algumas reflexões sobre as possibilidades e os desafios do uso do cinema como recurso pedagógico para o ensino e a aprendizagem de história; Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago (2012), que organizam um livro que reúne diversos artigos de pesquisadores brasileiros que abordam as interfaces entre a história e o cinema, sob diferentes enfoques teóricos e metodológicos; Marcos Napolitano (2018), que propõe uma metodologia para a análise fílmica no ensino de história, baseada em quatro dimensões: a dimensão documental, a dimensão estética, a dimensão narrativa e a dimensão ideológica.

No âmbito internacional, alguns autores que se destacaram nesse campo são: Marc Ferro (1989), que analisa as relações entre o cinema e a história, tanto como fontes quanto como formas de representação do passado; Robert Rosenstone (2006), que defende uma abordagem pós-moderna da história no cinema, que valoriza a pluralidade, a subjetividade e a criatividade dos filmes históricos; Peter Seixas (2008), que discute como o cinema pode ser usado para promover o pensamento histórico dos estudantes, ou seja, a capacidade de compreender o passado a partir de evidências, conceitos e perspectivas históricas.

O estado da arte sobre cinema, ensino de história mostra que esse é um

tema relevante e atual para a educação histórica, que envolve questões teóricas, metodológicas e didáticas. O cinema pode ser um aliado dos professores e dos estudantes na construção do conhecimento histórico, mas também requer uma formação crítica e reflexiva sobre as suas potencialidades e limitações. O cinema pode ser um meio de aproximar os estudantes da história, mas também pode ser um fim em si mesmo, como uma forma de expressão artística e cultural.

No banco de dissertações do ProfHistória, buscando pelas palavras “cinema”, categoria livre, identificou-se a existência de 17 dissertações tratando sobre o tema, conforme análise abaixo: Das 17 dissertações encontradas, foi possível perceber que os aspectos analisados pelos autores vão desde questões técnicas do cinema até a utilização de filmes em realidades escolares específicas ou como fonte para a Escrita da História. As dissertações listadas oferecem diversas abordagens sobre o uso do cinema no ensino de História, cada uma com seus objetivos e metodologias específicas.

A importância do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História no contexto educacional é inegável, pois ele desempenha um papel fundamental na formação continuada de professores de História. Ao pesquisar recursos como o cinema, os professores pesquisadores tornam as suas aulas mais dinâmicas e envolventes, facilitando a compreensão de temas complexos e incentivando o pensamento crítico, além de disponibilizar para outros professores e pesquisadores embasamento teórico e repertório prático.

Por exemplo, a dissertação "Oficinas do Tempo: Elaboração e Execução de uma Sequência Didática no Ensino de História" de Leon Neves Guimarães (2020), enfoca a criação de uma sequência didática, oferecendo um passo a passo estruturado para integrar o cinema no ensino de História, com um foco prático voltado para a sala de aula.

Por outro lado, "Memorial Água da Fonte: Religiosidade Popular e Devoção ao Monge João de Maria no Município de Farol – PR" de Eva Simone de Oliveira (2020), combina história local com produção audiovisual, destacando como a religiosidade popular pode ser explorada através de filmes documentários, com um foco em narrativas e memórias locais. Em contraste, Jonas Tadeu Amaral Pinto

(2019) em "A Hipótese-Cinema: Escola, Produção Audiovisual e Ensino de História"

Aborda o conceito de "hipótese-cinema", onde a produção audiovisual é utilizada como ferramenta para o ensino de História, envolvendo os alunos na criação de filmes e promovendo um aprendizado ativo e colaborativo.

Nice Rejane da Silva Oliveira em "Cinema e Ensino de História na Escola Graça Aranha em Imperatriz – MA" estuda a implementação do cinema no currículo de uma escola específica, analisando os impactos e resultados dessa prática com uma análise de caso detalhada e específica para a instituição. (OLIVEIRA, 2019). Já "Histórias em Movimentos: Conquistas e Resistências no Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí Mato Grosso do Sul", Denildo de Souza, foca nas narrativas de conquista e resistência de uma comunidade específica, utilizando o cinema como ferramenta para contar essas histórias e enfatizando a relação entre cinema, história oral e memória coletiva (SOUZA, 2018).

Em "Super Heróis e Ensino de História, um Guia Visual: Sugestões Didáticas para o Uso de Filmes da Marvel e DC na Sala de Aula", Arthur Gibson Pereira Pinto, propõe o uso de filmes de super-heróis para ensinar História, oferecendo sugestões didáticas práticas e focando na cultura popular e na capacidade desses filmes de atrair o interesse dos alunos (PINTO, 2018).

Luciana Fernandes Dias em "A Leste de Bucareste: Cinema, História e Memória em Sala de Aula" explora como filmes que tratam de temas históricos específicos podem ser utilizados para ensinar História e promover a reflexão sobre memória e identidade, utilizando um estudo de caso para ilustrar suas propostas. (DIAS, 2018). Débora Silva de Queiroz em 2016, também pesquisa sobre a memória, porém, especificamente, sobre ditadura militar, a abordagem resulta na dissertação: "Memória da Resistência à Ditadura Militar Brasileira: Guia para Utilização de filmes em Sala de Aula", o guia tem como objetivo fornecer um recurso educacional para o ensino de História, utilizando filmes como ferramenta pedagógica, oferecendo sugestões práticas para o uso de filmes em sala de aula para abordar temas relacionados à resistência e à ditadura. O guia também destaca a importância da Comissão da Verdade e do cinema como meio de ensino (QUEIROZ, 2016).

A dissertação "A Escola Encontra o Passado no Cinema: 'Luz, Câmera...

Educação!', o autor João Misael da Silva Brossa discute o uso do cinema para conectar os alunos com o passado, integrando recursos audiovisuais ao currículo de História e abordando a produção e a exibição de filmes como parte do processo educacional (BROSSA, 2018).

Muriel Rodrigues de Freitas, em 2018, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apresenta a dissertação: "Camilles, Pierinas e Eunice - Condenadas pela razão: Mulheres, Loucuras, Documentário e Ensino de História" teve o objetivo de criar um documentário que problematizasse a construção de papéis e hierarquias de gênero, especialmente relacionadas à loucura feminina, no contexto escolar. Ela utilizou práticas discursivas e não discursivas do final do século XIX e início do século XX, com foco no discurso médico-psiquiátrico da época.

A dissertação também incluiu oficinas oferecidas a alunos e alunas de uma turma do Ensino Médio da Escola Marista Ivone Vettorello, em Porto Alegre/RS. Nessas oficinas, foram trabalhadas a historicidade dos conceitos de loucura e gênero a partir de casos reais de mulheres que passaram pela experiência da internação manicomial.

O documentário desenvolvido a partir dessa pesquisa serviu como suporte para o ensino de História, incentivando uma abordagem crítica e reflexiva sobre a construção social da loucura feminina e os papéis de gênero. Ele buscou promover uma compreensão mais profunda dos contextos históricos e sociais que moldaram essas construções e como elas impactam a sociedade atual.

Em, "O Oriente Médio Através de Outras Lentes: Uma Narrativa Audiovisual para Refletir as Representações sobre a Região em Sala de Aula" Maicon Roberto Poli de Aguiar, foca em como o cinema pode ajudar a reconfigurar as percepções sobre o Oriente Médio, utilizando narrativas audiovisuais para desafiar estereótipos e promover uma visão mais complexa da região (DE AGUIAR, 2017).

As dissertações analisadas compartilham a ideia de que o cinema pode ser uma ferramenta eficaz no ensino de História. Enfatizam a importância de uma abordagem crítica e reflexiva na utilização de filmes, promovendo a integração do cinema no currículo escolar, seja através de sequências didáticas, produção audiovisual ou análise crítica. Cada dissertação, a seu modo, contribui para a construção de um olhar crítico e reflexivo nos alunos, tornando o aprendizado mais

dinâmico e envolvente.

Embora todas as dissertações compartilhem essa perspectiva, há diferenças significativas entre elas. O foco temático varia: algumas dissertações abordam temas específicos, como a religiosidade popular na "Memorial Água da Fonte" (OLIVEIRA, 2020) ou os super-heróis em "Super Heróis e Ensino de História". (PINTO, 2018). Outras, como "Oficinas do Tempo" (GUIMARÃES, 2020) e "A Hipótese-Cinema" (PINTO, 2019) tratam da aplicação geral do cinema na educação. As metodologias também diferem. Enquanto algumas pesquisas adotam uma abordagem prática, propondo guias e sequências didáticas, como em "Oficinas do Tempo" (GUIMARÃES, 2020), outras são mais analíticas e exploram o impacto e a teoria por trás do uso do cinema, como em "A Leste de Bucareste" (DIAS, 2018) e "O Oriente Médio Através de Outras Lentes" (DE AGUIAR, 2018).

Os contextos explorados nas dissertações também são variados. Há estudos focados em escolas urbanas específicas, como "Cinema e Ensino de História na Escola Graça Aranha" (OLIVEIRA, 2019), e outros que se concentram em comunidades rurais, como "Histórias em Movimentos" (SOUZA, 2018). Além disso, há dissertações que tratam de temas internacionais, como "O Oriente Médio Através de Outras Lentes" (DE AGUIAR, 2018) e temas específicos como Camilles, Pierinas e Eunice - Condenadas pela razão: Mulheres; Loucuras; documentário e ensino de História (FREITAS, 2018) e Memória da Resistência à Ditadura Militar Brasileira: Guia para utilização de filmes em Sala de Aula (QUEIROZ, 2016).

Apesar das diferentes abordagens, todas as dissertações convergem na ideia de que o cinema pode enriquecer o ensino de História. Cada uma a seu modo, contribuem para a construção de um olhar crítico e reflexivo nos alunos, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente.

As dissertações analisadas mostram a riqueza e a versatilidade do cinema como ferramenta pedagógica no ensino de História. Demonstram que, independentemente do contexto ou metodologia, o cinema pode contribuir para uma educação mais engajada, crítica e reflexiva. A combinação de práticas diversas e abordagens teóricas permite que educadores escolham a melhor maneira de integrar o cinema em suas aulas, conforme as necessidades e realidades de seus alunos. Os trabalhos que foram mais relevantes para a presente dissertação

merecem uma análise mais detalhada.

O estudo de Vitaly Costa e Silva (2020) denominado: “O Aprendizado da Linguagem Cinematográfica como Suporte para a Promoção da Consciência Crítica nas Aulas de História”, destaca que o uso do cinema no ensino de História enriquece o processo educacional e contribui significativamente para a formação de um olhar crítico por parte dos estudantes. No contexto do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), o cinema é considerado um recurso pedagógico relevante, especialmente em temas sensíveis como a ditadura civil-militar no Brasil.

Através do desenvolvimento da capacidade dos alunos de interpretar e analisar criticamente as mensagens visuais, o cinema facilita o engajamento dos estudantes, o desenvolvimento de habilidades críticas, a ampliação do repertório cultural e a compreensão de contextos históricos complexos. No entanto, é necessário um planejamento cuidadoso para a seleção de filmes historicamente precisos e relevantes, além da preparação do professor para mediar debates e discussões. Assim, o aprendizado da linguagem cinematográfica representa um valioso suporte pedagógico para a promoção da consciência crítica nas aulas de História, proporcionando uma compreensão mais profunda e contextualizada dos eventos históricos.

A dissertação "Movimento Cineclubista na Escola: Um Caminho Possível para a Execução da Lei 13.006/14", de Murilo dos Santos Garcia (2020), explora a relevância do movimento cineclubista, especialmente o movimento dos anos 1970, como uma estratégia para implementar a Lei 13.006/14, que obriga a exibição de filmes brasileiros nas escolas. O autor propõe um projeto de cineclubes escolares que envolva a comunidade e utilize uma perspectiva histórico-social do cinema para a análise fílmica em sala de aula. O objetivo é preencher lacunas deixadas pela lei e promover uma educação do olhar crítico entre os estudantes.

O projeto sugere a criação de cineclubes escolares abertos à comunidade, inspirados na trajetória cineclubista brasileira dos anos 1970. Esses cineclubes teriam como foco a instrumentalização, exibição e mediação de filmes em sessões cineclubistas ou em sala de aula, com um roteiro de análise fílmica baseado em uma perspectiva histórico-social do cinema. Essa abordagem visa não apenas cumprir a

lei, mas também enriquecer o processo educacional, promovendo a reflexão crítica.

A dissertação "A Utilização do Cinema no Ensino de História: O Filme Virgem Margarida e a Política Sociocultural em Moçambique Pós-Independência", de Gisele Menezes Martins (2020), analisa como o filme "Virgem Margarida" pode ser utilizado como recurso pedagógico para explorar a história e a política sociocultural de Moçambique após sua independência. O estudo destaca a importância de usar o cinema para enriquecer o processo educacional, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica dos eventos históricos.

Ambas as dissertações compartilham a ideia de que o cinema pode ser uma ferramenta poderosa no ensino de História. Enquanto a dissertação de Garcia foca no movimento cineclubista e sua aplicação na implementação da Lei 13.006/14, a dissertação de Martins (2020), explora como um filme específico, "Virgem Margarida", pode ser usado para discutir a política sociocultural em Moçambique pós-independência. Ambas as abordagens enfatizam a necessidade de um planejamento cuidadoso e a preparação dos professores para mediar debates e discussões críticas.

A dissertação de Martins argumenta que o uso de "Virgem Margarida" em sala de aula pode ajudar os alunos a entenderem melhor os contextos históricos e culturais de Moçambique após a independência. O filme serve como uma ponte para discutir temas como identidade, resistência e mudança social. A análise crítica do filme permite que os alunos desenvolvam habilidades de interpretação e reflexão, promovendo uma educação do olhar crítico.

Tanto a dissertação de Garcia(2020), quanto a de Martins(2020) demonstram que o cinema pode ser uma ferramenta valiosa para o ensino de História, proporcionando uma compreensão mais rica e crítica dos eventos históricos. Ao utilizar filmes como recursos pedagógicos, os professores podem engajar os alunos de maneira mais eficaz e promover uma educação mais inclusiva e reflexiva.

1.2 Construindo um diálogo: Educação e Cinema na Escola

A Sétima Arte já nasceu com certa vocação científico-educacional para além dos espetáculos e curiosidades do início do século XX. O cinema-documentário e a

tradição dos filmes etnográficos confirmam essa tendência. No Brasil a articulação cinema e escola têm origem com Humberto Mauro e o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), criado em 1936 por Roquette Pinto.

Com o seu aparato tecnológico apropriado para documentar, encenar e narrar realidades, construiu uma nova maneira de olhar para o mundo e, com isso, estabeleceu uma forma peculiar de inteligibilidade e conhecimento.

Como destaca Macedo (2010), “o audiovisual parece ser a forma mais presente — e literalmente a mais visível — das transformações que ocorrem na vida de cada um” (p. 32). Além disso, é por meio dele que se comunicam e refletem as demais mudanças sociais.

Diante dessa realidade, torna-se urgente o acesso aos bens culturais, não apenas no que diz respeito ao fornecimento dos equipamentos para a exibição de obras cinematográficas, mas de uma formação continuada aos profissionais ligados à educação, para que consigam pensar seus planejamentos fazendo uso delas em suas salas de aulas. Esse é um dos propósitos do material que será produzido ao final dessa pesquisa, no qual educadores e educadoras terão acesso a informações sobre essa temática.

Muitas pessoas somente terão acesso a certos filmes se estiverem presentes nas salas de aula ou através de cineclubes que ocorrem na escola. Ainda hoje, a realidade brasileira exclui crianças e jovens de direitos essenciais, tais como o direito à educação e a cultura, seja através do abandono, da pobreza e/ou da carência. Isto porque a realidade histórica e social do Brasil é marcada por desigualdades e racismo estruturais, autoritarismo e exploração.

No entanto, pouquíssimas escolas públicas do ensino básico contam com salas apropriadas para a realização de sessões de cinema. Tampouco a organização da estrutura escolar favorece a recepção de novas linguagens, afinal o tempo recortado das aulas não permite que os filmes sejam vistos na sua integralidade.

Como já mencionado, em 2014 foi aprovada a Lei 13.006 que cita: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar

integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (LDB 9.394 de 1996). A preocupação dentro dos setores ligados à educação, cultura e do movimento cineclubista surgem visando pensar a efetivação dessa lei. Entre as questões a ser pensadas por esses estão: como se dará o uso desses filmes e de que forma as escolas poderiam contribuir para que, segundo a abordagem pedagógica do Senador Cristovam Buarque, a arte atue como parte essencial do processo educacional na rede básica de ensino:

[...] a arte deve ser parte fundamental do processo educacional nas escolas. A ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; Tira deles um dos objetivos da educação, que é deslumbramento com as coisas belas. O cinema é a arte que mais facilidade apresenta para ser levada aos alunos nas escolas. O Brasil precisa de sala de cinema como meio para atender o gosto dos brasileiros pela arte e ao mesmo tempo precisa usar o cinema na escola como instrumento de formação deste gosto (BUARQUE, 2012, p.3).

Como afirma Buarque (2012), “a arte deve ser parte do processo educacional”. O cinema, além de ter sido mencionado por ele como a arte que mais facilmente pode ingressar no espaço escolar, é a arte da vida e pode se constituir em um grito capaz de despertar professores e estudantes para uma nova visão possível sobre a prática educativa. Nesta, os métodos tradicionais e modernos de ensino-aprendizagem podem se fundir em novas possibilidades expressivas. Afinal, como Teixeira (2010) afirma:

[...] a educação é um ato político e de amorosidade, de cumplicidade com a vida. E fazendo-se também a escola, devemos assegurar que ela seja para nossos adolescentes e jovens, um lugar de alegria, de experiência e realizações, na qual eles “se amarrem” e que lhes permitam viver processos emancipatórios (TEIXEIRA, 2010, p. 114).

O livro intitulado “Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas” organizado por Adriana Fresquet (2015), o qual conta com o apoio de diversos acadêmicos e pesquisadores da área, compila uma série de artigos a respeito da lei 13.006, assim como reflexões e preocupações acerca de como efetivá-la de forma eficiente nas escolas.

Para escrever sobre cinema e história parte-se de uma abordagem histórica que tem suas raízes na revolução historiográfica provocada pelos *Annales* e que passa pelas teorias desenvolvidas por Marc Ferro (1992). A virada provocada pela Escola dos *Annales* consistiu, sobretudo, na ampliação da noção de documento histórico e do que pode vir a ser considerado fonte para o estudo/escrita da História. Esse movimento abriu caminho para que o Cinema fosse visto como um documento. Através das contribuições de Marc Ferro, a relação entre Cinema e História vai além da utilização de filmes como mera ilustração da realidade, a interpretação de obras cinematográficas passou a ser vista como uma verdadeira contra-análise da sociedade que o produziu. Para Ferro (1992), o cinema:

[...] destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus lapsos. Ela atinge suas estruturas. Isso é mais do que seria necessário para que após o tempo do desprezo venha o da suspeita, o do temor. As imagens, as imagens sonoras, esse produto da natureza, não poderiam ter, como o selvagem, nem língua nem linguagem. A ideia de que um gesto poderia ser uma frase, ou um olhar um longo discurso é completamente insuportável: isso não significaria que a imagem, as imagens sonoras, o grito dessa mocinha ou essa multidão amedrontada constituem a matéria de uma outra história que não é a História, uma contra análise da sociedade (FERRO, 1992, p. 86).

Entender os não-ditos apontados por Ferro (1992), ou seja, buscar compreender a narrativa fílmica pela qual podemos entender melhor seu contexto de produção, parece ser um aspecto de análise fílmica de grande potencial pedagógico, pois os filmes, polissêmicos que são, possibilitam inúmeras formas de abordagens em sala de aula. Sobre o aspecto metodológico de como olhar para esses documentos históricos, o autor observa:

[...] não seria suficiente empreender a análise de filmes, de trechos de filmes, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e a abordagem das diferentes ciências humanas. É preciso aplicar esses métodos a cada um dos substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não sonorizadas), às relações entre os componentes desses substratos; analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa (FERRO, 1992, p. 87).

Para Rüsen (2001), todo pensamento histórico está sob o procedimento de construção de uma narrativa. Nesse sentido, o próprio passado é apresentado ao presente em forma de narrativa, uma narrativa histórica.

Narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo (RÜSEN, 2001). Sendo assim, é possível considerar que os filmes, ao apresentar o passado, o fazem em forma de narrativa nos termos de Rüsen.

Apresentar o passado através de narrativas fílmicas, torna-o crível e inteligível aos homens e mulheres do presente, possibilitando a eles uma determinada identidade histórica. Sobre esta questão da narrativa histórica, Rüsen (2001) argumenta que é decisivo que:

[...] sua constituição de sentido se vincule à experiência do tempo de maneira que o passado possa tornar-se presente no quadro cultural de orientação da vida prática contemporânea. Ao tornar-se presente, o passado adquire o estatuto de história. [...] nesse sentido articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de maneira que a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo. Sentido histórico na relação com o mundo significa uma representação da evolução temporal do mundo humano tanto baseada na experiência quanto orientadora e motivadora do agir. Também na relação do homem com si mesmo, o tempo é interpretado em consequência, de modo que seja alcançado um mínimo de consciência do eu: a identidade histórica (RÜSEN, 2001, p. 155-156)

Relacionando a abordagem de Rüsen (2001) acerca da narrativa histórica em geral e a narrativa fílmica, convém compreender que, ao construir uma narrativa sobre o passado, os filmes o fazem sob determinado contexto histórico, o que gera tanto possibilidades quanto condicionamentos. Ao mesmo tempo, tais narrativas são construídas sob determinado código de linguagem, característico da sétima arte, ou seja, a linguagem cinematográfica propriamente dita.

A proposta apresentada é uma abordagem interessante para o uso do cinema em sala de aula, que leva em conta a dimensão prática e parte da narrativa de professores e professoras da educação básica. Ao compartilhar suas experiências e relações com o cinema, como o utilizam na escola e como trabalham o Ensino de História a partir dele, os professores podem fornecer percepções valiosas sobre como o cinema pode ser usado de maneira eficaz no ensino.

Essa perspectiva está alinhada com a noção de Rüsen (2001) de que a aprendizagem histórica ocorre quando se alia às dimensões pessoal/familiar, escolar e social. As narrativas dos professores são um exemplo disso, pois mostram como o cinema pode ser usado para conectar essas diferentes dimensões e promover uma aprendizagem histórica significativa.

Ao ouvir as experiências dos professores e aprender com suas práticas, podemos desenvolver novas abordagens para o uso do cinema na sala de aula que sejam eficazes e envolventes para os alunos. Isso pode enriquecer o Ensino de História e ajudar os alunos a desenvolver habilidades críticas de pensamento e análise.

1.3 Narrativas de Si: considerações acerca de metodologia

A pesquisa foi baseada na autobiografia de professores e professoras, a metodologia desta pesquisa incluiu a coleta de narrativas pessoais dos professores, através de entrevistas, e a análise dessas narrativas foram realizadas através de análise temática, a fim de identificar padrões e temas comuns nas experiências dos professores. O que forneceu resultados valiosos sobre as práticas pedagógicas dos professores e ajudou a desenvolver novas abordagens para o ensino. Ao ouvir as vozes dos próprios professores, podemos obter uma compreensão mais profunda e autêntica de suas experiências e práticas.

De acordo com Rüsen (2010), “o pensamento histórico está condicionado por um determinado procedimento humano mental de interpretar a si mesmo e ao mundo: a narrativa de uma história. Narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo. O pensamento histórico obedece à lógica da narrativa” (RÜSEN, 2010, p. 149).

A autobiografia é uma abordagem metodológica que permite aos pesquisadores coletar informações valiosas sobre as experiências e práticas dos indivíduos a partir de suas próprias perspectivas. Ao utilizar essa abordagem na pesquisa sobre o ensino de História, buscamos compreender como os professores utilizam o cinema em suas práticas pedagógicas e como isso pode influenciar a aprendizagem histórica dos alunos. Isso pode ajudar a desenvolver novas

abordagens para o ensino de História que sejam envolventes para os alunos.

Conforme Freire, “Uns ensinam e, ao fazê-lo, aprendem. Outros aprendem e, ao fazê-lo, ensinam” (FREIRE, 1992, p.22). Desta maneira podemos entender que o próprio cotidiano com os alunos forma os professores, uma vez que o aluno traz em si um vasto repertório distinto de conhecimentos. Assim, as narrativas biográficas e autobiográficas, a relação entre indivíduo e o coletivo, suas experiências e vivências, fazem parte da construção e da percepção de realidade ou das realidades e compreensão dos processos históricos. Para Cunha (2016) o exercício da re(memoração) autobiográfica é desencadeador de um processo de produção de consciência de si. Sendo assim, as narrativas biográficas e autobiográficas são uma significativa ferramenta para entendermos as vivências, trajetórias, as subjetividades e as “convivências” no chão da escola.

Percebendo a dificuldade de professores da rede municipal de São Francisco de Assis-RS, em como trabalhar com cinema na escola, busquei reunir narrativas de outros professores e professoras da rede básica de ensino, que possuem alguma experiência no desenvolvimento ou tentativa de realização de atividades relacionadas com Cinema no Ensino de História. As realidades desses professores assim como a localização são diversas.

Para a presente dissertação, os materiais a serem utilizados na construção da pesquisa vão desde as referências bibliográficas, os equipamentos técnicos para a gravação audiovisual das entrevistas e o conjunto de questões da entrevista semi-estruturadas (apêndice 1).

O critério utilizado para definir o grupo de colaboradores foi que estes deveriam ser a) professores da educação básica; e b) fazerem uso do Cinema no Ensino de História. Os convites a tais colaboradores de diferentes espaços educacionais do país foi possível a partir de um minicurso desenvolvido de forma online, no qual se encontraram diversos professores de história preocupados com a temática “Cinema no Ensino de História”. Como resultado desse mini curso, foi organizado um grupo no aplicativo de mensagens WhatsApp para trocas de informações e materiais entre os profissionais da área.

É evidente que a pandemia colocou muitos empecilhos ao desenvolvimento

de inúmeras pesquisas ao longo desse período de isolamento social. Entretanto, também abriu possibilidades, como por exemplo a naturalização do uso de plataformas de comunicação online, como o Google Meet¹. Ao decorrer das narrativas, novas questões surgiram acerca de que forma de ampliar o contexto da pesquisa. Por exemplo, houve a possibilidade de realizar as entrevistas com colaboradores de diferentes espaços geográficos do país, como o colaborador I, que reside e atua na rede básica de ensino de Rondônia.

As identidades dos colaboradores foram preservadas e como recurso estratégico optou-se por utilizar letras do alfabeto no lugar do nome de origem dos mesmos. A denominação dos colaboradores se deu de acordo com a ordem cronológica de realização das entrevistas, ou seja, o primeiro colaborador está identificado com a letra A, o segundo com a letra B e assim sucessivamente.

O uso do cinema no ensino de História oferece uma oportunidade única para enriquecer o aprendizado dos alunos, incentivando o pensamento crítico, a análise de contextos históricos e o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla sobre a sociedade. Quando professores e professoras narram suas experiências de incorporar o cinema em suas aulas, eles não apenas revelam suas metodologias e práticas pedagógicas, mas também compartilham visões de si mesmos como educadores e mediadores de conhecimento.

Essas “narrativas de si” se tornam, então, um recurso metodológico valioso, que nos permite investigar não só as práticas pedagógicas, mas também os significados e interpretações pessoais que esses profissionais atribuem ao uso do cinema em sala de aula. Constituem uma abordagem metodológica que vai além de simples relatos de prática. Elas representam uma introspecção sobre a construção da identidade docente e sobre o processo de tomada de decisão no ambiente educacional.

Ao contarem suas histórias, os professores e professoras refletem sobre o impacto do cinema em seu ensino e em como essa ferramenta audiovisual possibilita novas formas de engajamento e entendimento dos temas históricos.

¹ Google Meet é um aplicativo de videoconferência utilizado em reuniões online e também utilizado para aulas durante a pandemia do COVID 19. Utilizado por Rafaela Lunardi Martins, na presente pesquisa para realizar a coleta das narrativas dos colaboradores.

Cada narrativa individualmente revela perspectivas sobre o próprio papel do professor no processo educativo, destacando aspectos como a empatia, a criatividade e a capacidade de inovação pedagógica (BORDWELL, 2018).

Adotar a narrativa de si como método requer uma abordagem qualitativa, que possibilita aos educadores expressarem suas experiências e sentimentos sem as limitações das metodologias tradicionais. Nesse contexto, a narrativa é valorizada como um processo de construção e reflexão em que o educador se torna o sujeito da análise, compartilhando percepções que não apenas ajudam a entender o uso do cinema como estratégia pedagógica, mas também elucidam as expectativas, dificuldades e desafios pessoais enfrentados na prática.

As narrativas revelam, por exemplo, o entusiasmo de um professor que usa o cinema para ilustrar períodos históricos ou conflitos sociais, a fim de engajar seus alunos de maneira significativa e aproximá-los dos conteúdos. Ao mesmo tempo, essas histórias podem destacar os dilemas de adaptação ao ambiente escolar, como a necessidade de selecionar filmes compatíveis com a faixa etária ou de encontrar maneiras de lidar com as reações diversas dos estudantes diante de temas complexos (BITTENCOURT, 2019).

Metodologicamente, as narrativas de si possibilitam aos pesquisadores uma visão mais profunda sobre as percepções e práticas individuais dos professores e professoras. Constituem um recurso eficaz para mapear como cada docente articula as técnicas de ensino, as abordagens teóricas e as práticas emocionais no uso do cinema como ferramenta educativa. A partir dessas narrativas, torna-se viável identificar padrões, estratégias e, eventualmente, propor novas direções para o uso do cinema na sala de aula de História. As narrativas revelam as contribuições do cinema para a formação cidadã dos alunos, já que essa ferramenta frequentemente abre espaço para o debate sobre temas históricos sensíveis, estimulando uma visão crítica do passado e do presente (HUNT, 2013).

A utilização de narrativas de si no estudo das metodologias de ensino, especialmente no campo da História, reafirma a importância da prática reflexiva na formação docente. Professores e professoras que se dispõem a revisitar suas experiências com o cinema no ensino de História participam, eles próprios, de um

processo de aprendizagem. Ao revisitar suas práticas, eles também se permitem reavaliar suas escolhas, os impactos de suas ações pedagógicas e as próprias concepções sobre o ensino de História. O uso das narrativas de si não apenas contribui para a compreensão das práticas educativas, mas também promove uma revalorização da experiência docente e do papel do educador como um agente transformador no processo de ensino-aprendizagem (BORDWELL, 2018).

Sobre o uso do cinema no ensino de História constituem uma metodologia rica para a análise e compreensão de práticas pedagógicas e da construção da identidade docente. Elas revelam não apenas as técnicas e estratégias usadas para integrar o cinema na sala de aula, mas também aspectos mais subjetivos e profundos sobre o papel do educador, a relevância da História como disciplina e a importância do cinema como recurso para desenvolver uma visão crítica e informada do passado e da sociedade (BITTENCOURT, 2019).

Através desta metodologia, podemos explorar e valorizar as vozes dos professores e professoras, compreendendo-as como parte essencial do processo educativo e do desenvolvimento contínuo de novas metodologias no ensino de História.

CAPÍTULO 2 – DO CHÃO DA ESCOLA: NARRATIVAS DE SI DE PROFESSORES E PROFESSORAS SOBRE O USO DO CINEMA NA ESCOLA

2.1 Introdução ao Cinema na Escola

Vários estudiosos destacam as potencialidades da sétima arte no processo educativo. Napolitano (2003), por exemplo, comenta que o trabalho com o cinema pode auxiliar a escola a reencontrar a cultura, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

Pensar o cinema no ensino de história é compreender que há várias formas de uso do cinema, a fim de entender como isso ocorre no chão da escola, buscamos as narrativas de si de professores, pois é nesse espaço que a ação ocorre. O primeiro passo para isso é apresentar o lugar de fala de cada professora e professor que colaboraram com narrativas de si. Utilizou-se para nomear cada pessoa uma letra.

O uso do cinema na escola tem sido debatido por diversos estudiosos e educadores, que defendem seu valor pedagógico como uma ferramenta transformadora no ambiente educacional. Para Paulo Freire (2018), a educação deve ir além da simples transmissão de conhecimentos; ela deve estimular a consciência crítica e o pensamento autônomo. Nesse sentido, o cinema se apresenta como um recurso que oferece mais do que entretenimento: ele expõe os alunos a diferentes perspectivas e amplia suas percepções sobre a sociedade, sobre si mesmos e sobre o mundo. Por meio do cinema, temas complexos podem ser abordados de maneira mais acessível e instigante.

A pesquisadora brasileira Alessandra Meleiro, (2013), especializada em políticas culturais e cinema, destaca que o cinema pode funcionar como um “portal” para outras realidades, estimulando o desenvolvimento da empatia e da compreensão intercultural nos jovens. Ao assistir a um filme, o aluno não apenas se depara com narrativas, mas também com dilemas, sentimentos e visões de mundo diversas, que ajudam a expandir sua bagagem cultural.

Segundo Meleiro (2013), o contato com o cinema desde a escola contribui para a formação de um público mais consciente e crítico, capaz de refletir sobre as mensagens e valores que são transmitidos nas produções audiovisuais, além de fomentar o interesse pela própria produção cultural. Outros estudiosos, como Alain Bergala, (2016), teórico francês de cinema e pedagogia, defendem que o cinema na escola não deve ser visto apenas como um apoio ao conteúdo curricular, mas como uma experiência artística e estética em si. Para Bergala, o cinema oferece uma oportunidade única para os alunos explorarem a linguagem audiovisual, compreendendo aspectos como a composição de cenas, a direção de arte e a montagem.

Dessa forma, os estudantes não apenas aprendem a analisar criticamente os filmes, mas também se tornam mais conscientes da construção das imagens e das mensagens que os rodeiam no cotidiano. Isso é especialmente relevante em uma sociedade onde o audiovisual é predominante, pois estimula nos jovens uma “alfabetização visual” necessária para interpretar o mundo moderno.

Segundo o educador brasileiro Ismar de Oliveira Soares, (2011), o cinema também tem um papel importante na educação midiática, capacitando os estudantes para lidarem de forma crítica com a grande quantidade de informações que recebem diariamente. Soares aponta que a introdução do cinema na escola auxilia na construção de uma postura mais reflexiva frente aos conteúdos midiáticos, ajudando os alunos a entenderem como o cinema dialoga com outras mídias, como a televisão, a publicidade e, hoje, a internet. Dessa forma, a educação cinematográfica não se restringe ao aprendizado de técnicas e teorias sobre cinema, mas amplia a habilidade dos alunos de serem consumidores e produtores conscientes de conteúdos audiovisuais.

O filósofo e educador Jacques Rancière, (2014) argumenta que a experiência com o cinema na escola também pode subverter a hierarquia entre o saber do professor e o saber do aluno, promovendo uma troca de conhecimentos mais horizontal. Rancière acredita que o cinema democratiza o acesso ao conhecimento ao permitir que alunos e professores possam, juntos, interpretar uma obra e construir sentidos a partir dela. Nesse ambiente de trocas e debates, o cinema possibilita a criação de um espaço onde o aprendizado é mútuo e onde os próprios

alunos se tornam protagonistas de suas interpretações, valorizando suas experiências e vivências.

O cinema na escola não é apenas uma proposta de inovação pedagógica, mas uma oportunidade para tornar o ensino mais humano, crítico e sensível. Ele permite que os alunos se envolvam com questões sociais, históricas e culturais de forma prática e direta, fazendo com que o aprendizado vá além do conteúdo teórico e se torne uma vivência significativa. Ao incluir o cinema no currículo escolar, a educação não apenas se adapta aos desafios da sociedade contemporânea, mas se fortalece como um meio de formar cidadãos críticos, criativos e empáticos, capazes de compreender a complexidade do mundo à sua volta e de se expressarem com sensibilidade e reflexão.

2.2 Do chão da Escola: Narrativas de si

Após a experiência pessoal de participar do Minicurso intitulado: “Audiovisuais: O cinema e o Documentário no Ensino de História, Reflexões para o Uso no Espaço Escolar”², onde professores e professoras interessados no tema estavam presentes, foi possível perceber a potencialidade nas experiências deles em relação ao uso do cinema nas aulas de história. Os colaboradores e colaboradoras foram selecionados levando em consideração que os mesmos fossem professores de história na educação básica, que participaram no Minicurso e faziam uso de cinema no ensino de história.

O uso de narrativas pessoais de professores que trabalham na educação básica foi pensado levando em consideração o quanto essa experiência tem se mostrado uma ferramenta poderosa na formação e na prática pedagógica desses profissionais. Além de contribuir para a própria autoestima dos professores, essas narrativas, quando ouvidas e valorizadas, permitem que os educadores reflitam sobre suas experiências e práticas, promovendo uma compreensão mais profunda de seu papel e impacto na educação.

Quando falamos em cinema, essas narrativas trazem memórias afetivas que

²Mini curso foi uma das atividades que integraram a Jornada Virtual da Universidade de Feira de Santana-BA, realizada entre 27 de julho e 01 de agosto de 2020.

vão além do ser professor. Remetem às experiências de infância, como a menininha ou o menino que ia ao cinema com o pai e com as irmãs, que hoje leva os filhos e os alunos, e narra encantada/o as experiências vividas nos cine-debates na universidade. São memórias narradas por professores e professoras de diferentes espaços e lugares de fala.

A colaboradora "A" é professora em Vitória da Conquista-BA, com uma carreira marcada por sua experiência em escolas públicas rurais e, atualmente, em uma escola técnica. Licenciada em História, ela possui especialização em Psicopedagogia Clínica e está cursando o mestrado no ProfHistória.

O colaborador "B" é professor dedicado do Rio de Janeiro-RJ, com uma década de experiência na educação pública. Licenciado em História, estava cursando o mestrado no ProfHistória durante o período da entrevista.

O colaborador "C" é professor em Minas Gerais, com 20 anos de dedicação à educação. Trabalha em várias instituições, incluindo uma escola pública estadual, uma escola militar e uma escola de aplicação. Graduado em História, possui mestrado e doutorado em Educação.

A colaboradora "D" atualmente é professora de ensino superior em Diamantina-MG, com experiência anterior na educação básica em São Paulo. Graduada em Licenciatura e Bacharel em História, também possui mestrado e doutorado em História.

A colaboradora "E" é professora em Pernambuco, atuando na rede municipal de Recife. Licenciada em História, está cursando o mestrado no ProfHistória. A colaboradora "F" é professora aposentada da rede superior, que retornou à educação básica e atua como professora da educação básica em Viamão-RS. A colaboradora "G" é professora em Pelotas-RS, com experiência em escolas públicas. Licenciada em História, ela possui um mestrado profissional em História pela FURG.

O colaborador "H" é professor em Júlio de Castilhos-RS, atuando em escolas públicas. Graduado em História, está atualmente cursando bacharelado em Direito. O colaborador "I" é professor no Estado de Rondônia e trabalha na rede pública e privada.

Esses colaboradores trazem uma riqueza de experiências e formações que enriquecem a pesquisa sobre o uso do cinema no ensino de História, proporcionando diversas perspectivas e abordagens. Cada uma dessas experiências pessoais e profissionais contribui para uma melhor compreensão de como o cinema pode ser integrado ao currículo escolar de maneira eficaz e significativa.

2.3 Relação dos colaboradores com o cinema

O cinema, como uma forma de arte e entretenimento, tem a capacidade de moldar a subjetividade dos indivíduos desde a infância. A colaboradora A, por exemplo, menciona que sua relação com o cinema começou na infância, indo ao cinema com a família. Esse contato inicial com o cinema não apenas proporcionou momentos de lazer, mas também contribuiu para a formação de sua identidade e de suas memórias afetivas.

Os círculos concêntricos podem ser aplicados para entender como o cinema influencia a construção das narrativas pessoais. Esses círculos representam diferentes níveis de experiência e compreensão histórica. No centro temos as experiências diretas e pessoais com o cinema, como as idas ao cinema com a família mencionadas pela colaboradora “A” (2020). Essas experiências formam a base da relação afetiva com o cinema.

O próximo círculo envolve a interpretação dessas experiências no contexto social. A colaboradora “A” (2020) destaca que, embora o cinema fosse uma parte importante de sua vida social, ele não estava presente na escola. Isso mostra como o cinema pode ser interpretado de maneiras diferentes em contextos distintos.

A relação entre subjetividade e cinema é fundamental para entender como os indivíduos constroem suas narrativas pessoais. O cinema oferece uma linguagem visual e emocional que pode ser mais acessível e impactante do que a comunicação verbal. A colaboradora “A” (2020) observa que a linguagem cinematográfica pode alcançar os alunos de maneira mais eficaz do que suas próprias palavras, ajudando-os a compreender e recordar conceitos importantes.

Além disso, o cinema permite que os indivíduos se vejam refletidos nas

histórias e personagens, o que pode ser uma experiência poderosa de identificação e empatia. A colaboradora A menciona seu trabalho com animação e como isso ajuda a conectar-se com os alunos, especialmente no ensino médio, onde a linguagem juvenil é crucial.

O cinema, desde cedo, desempenha um papel significativo na formação da subjetividade e na construção das narrativas pessoais. Utilizando os círculos concêntricos, podemos ver como as experiências pessoais com o cinema se expandem para interpretações sociais e narrativas culturais mais amplas. Essa relação profunda com o cinema permite que os indivíduos construam suas próprias narrativas de si mesmos, utilizando a linguagem cinematográfica como uma ferramenta poderosa de expressão e compreensão. Foi possível perceber a relação afetiva nas narrativas dos colaboradores.

Segundo a colaboradora “A”(2020) “Minha relação com o cinema vem desde pequena”. Ela relata que nasceu em São Paulo e lá ia ao cinema com a família, destacando que “aqui em casa, minha família é cinéfila”. Entretanto, essa relação se dá na vida social e não na escola. A colaboradora “A” (2020) afirma: “não recordo de nenhum momento” na educação básica, e no ginásio “a gente tinha aula com vídeos, videocassete, mas eram mais vídeos educacionais, não eram filmes”.

A colaboradora “A” (2020), também compartilha suas experiências levando alunos ao cinema: “já levei meus alunos no cinema, mas levei para ver Vingadores. Quatro turmas do ensino médio, foi um dia legal para eles. Daí teve crítica, mas o que tem de pedagógico nisso? Mas eu acho que o cinema tem que ter a questão pedagógica, mas também tem que ter fruição, foi um dia que os meninos curtiram, eles foram felizes!”.

Ela enfatiza a importância da pedagogia do afeto: “eu sou da pedagogia do afeto, a vida desses meninos já é tão sofrida e na escola vai apanhar mais ainda? Não é a minha praia!”.

A colaboradora “A” (2020) destaca a eficácia da linguagem cinematográfica: “A linguagem cinematográfica ela alcança mais rápido do que a minha fala. Às vezes eu falo e eles não entendem, mas quando eles assistem o filme, daí eles podem recordar: olha aquilo que a professora falou.” Ela também menciona seu trabalho

com animação: “eu trabalho muito com desenho, gosto muito de animação, mesmo para o ensino médio. O Petter Lee fala que a gente precisa entender a linguagem juvenil, às vezes eu acho que muitos professores tratam esses adolescentes como adultos”.

Por fim, a colaboradora “A” (2020), compartilha sua experiência com a Educação de Jovens e Adultos (EJA): “Tive experiência com EJA (...) outra coisa que aprendi, a questão da carência, por incrível que pareça eles nunca tinham assistido Titanic”. Revela que na escola de EJA era difícil a questão de equipamentos e foi uma confusão para conseguir realizar a sessão, inclusive ela pensou em desistir depois de dois dias passando o filme e tendo problemas com o equipamento. “Mas os alunos sofreram tanto, pediram na direção - nós não temos culpa do equipamento não funcionar!” que ela acabou usando um terceiro dia para finalizar a sessão.

2.4 É fácil usar cinema na escola? Claro que não!

Pierre Bourdieu (2007) afirma que o cinema é responsável pelo desenvolvimento da “competência para ver”. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de sociabilidade, uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas. Por isso, devemos pensar a educação como um processo de socialização.

O colaborador “B” (2020) relata as dificuldades enfrentadas: “sempre trabalhando em colégios que às vezes nem estrutura de instalação elétrica tinha, então, é bem complicado”. Ele também menciona a falta de material como outro problema ao uso de filmes em sala de aula. Para resolver isso, ele passou a comprar todo o seu material de audiovisual, mas reconhece que “nem todos vão ter condições de comprar e nem de carregar esse material, porque só carrego esse material porque tenho carro, se não tivesse provavelmente não carregaria”.

As condições físicas das escolas e a falta de material são recorrentes em todas as narrativas dos colaboradores. Cada um busca alternativas diferentes para contornar esses obstáculos. Por exemplo, o colaborador “I” (2021) desenvolveu durante a pandemia um cineclube virtual, mostrando como a criatividade e a

adaptação são essenciais para integrar o cinema na educação.

O cinema na escola é uma estratégia que pode melhorar o desempenho dos alunos, desenvolvendo sua percepção, interação e atenção. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 13.006/2014) determina a exibição de filmes produzidos no Brasil por, pelo menos, duas horas por mês nas instituições de ensino de educação básica. Essa orientação visa integrar os recursos audiovisuais à proposta pedagógica da escola, desenvolvendo a percepção dos estudantes e aguçando suas funções sensoriais.

Segundo Oliveira (2019), a inclusão de filmes na grade curricular pode despertar a criticidade e reter a atenção dos alunos, facilitando a compreensão dos temas abordados. Além disso, o cinema pode ser uma ferramenta poderosa para promover a socialização e a empatia entre os alunos, como argumenta Bourdieu (2007).

Os desafios para a implementação do cinema na escola são muitos. Além das dificuldades estruturais mencionadas pelo colaborador “B” (2020), há também a necessidade de formação dos professores para utilizar o cinema de maneira eficaz. A pesquisa de Oliveira (2019), destaca que a falta de infraestrutura adequada e de materiais audiovisuais são barreiras significativas.

Para superar esses desafios, é necessário investir em infraestrutura e capacitação docente. Projetos como o cineclube virtual desenvolvido pelo colaborador “I” (2021) durante a pandemia são exemplos de como a criatividade pode contornar as limitações físicas e materiais. Além disso, a colaboração entre professores de diferentes disciplinas pode enriquecer a experiência cinematográfica, tornando-a uma atividade multidisciplinar e mais integrada ao currículo escolar.

O uso do cinema na escola, apesar de desafiador, oferece inúmeras vantagens para a formação dos alunos. Ele não só desenvolve a competência para ver mencionada por Bourdieu, mas também promove a socialização e a criticidade. Superar as barreiras estruturais e materiais requer criatividade, adaptação e investimento, mas os benefícios para a educação são inegáveis.

Para discutir os diversos usos que os professores colaboradores fazem do cinema na escola, é essencial entender as propostas de utilização conforme a concepção de José Manuel Moran. Moran (1995) sugere várias formas de utilização

do cinema na educação, incluindo sensibilização, onde os filmes despertam emoções e reflexões nos alunos; ilustração, utilizando filmes para exemplificar conteúdos teóricos; simulação, empregando filmes para simular situações reais e práticas; e conteúdo, integrando filmes como parte do currículo.

Moran também menciona a produção, envolvendo os alunos na criação de seus próprios filmes; avaliação, utilizando filmes como ferramenta de avaliação; vídeo-espelho, com filmes que refletem a realidade dos alunos; vídeo-interação, promovendo a interação e discussão; e o suporte para outras mídias, utilizando filmes em conjunto com outras mídias educacionais.

As narrativas dos colaboradores apresentam diversas formas de se trabalhar com o cinema na escola. Por exemplo, o colaborador “B” (2020) relata as dificuldades enfrentadas devido à falta de estrutura e material, mas destaca a importância de investir em recursos audiovisuais próprios para superar essas barreiras. O curta-metragem se apresenta como uma ferramenta potencial para o ensino, pois demanda menos tempo de projeção, o que resolve uma das dificuldades apontadas por vários colaboradores. Segundo Moran (1995), os curtas podem ser usados de forma eficaz para sensibilizar e ilustrar conteúdos de maneira rápida e impactante.

Por outro lado, o longa-metragem garante uma fidelidade maior à narrativa, como afirma a colaboradora “D” (2020). No entanto, é necessário levar em consideração a realidade das escolas, conforme destaca o colaborador. A exibição de longas-metragens pode ser desafiadora devido ao tempo limitado das aulas e à necessidade de equipamentos adequados.

A utilização do cinema na educação é amplamente discutida por diversos teóricos. Pierre Bourdieu (2007) destaca o cinema como uma prática social importante que contribui para a formação geral das pessoas. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 13.006/2014) determina a exibição de filmes nas escolas, reforçando a importância do cinema como ferramenta pedagógica. Segundo Oliveira (2019), a inclusão de filmes na grade curricular pode despertar a criticidade e reter a atenção dos alunos, facilitando a compreensão dos temas abordados. A pesquisa de Viana, Rosa e Orey (2017) também ressalta o potencial do cinema para promover a diversidade cultural e a reflexão crítica.

O cinema oferece diversas possibilidades de uso na educação, desde a sensibilização até a produção de conteúdos pelos próprios alunos. Superar as barreiras estruturais e materiais requer criatividade, adaptação e investimento, mas os benefícios para a formação dos alunos são inegáveis. A integração do cinema no currículo escolar pode enriquecer a experiência educativa, promovendo a criticidade, a empatia e a compreensão cultural.

O cinema como ilustração é uma prática comum nas escolas, onde filmes são utilizados para exemplificar e enriquecer o conteúdo curricular. A colaboradora E menciona que, embora não tenha usado filmes para “tapar buraco”, ela não pode garantir que nunca os utilizou de forma ilustrativa. Ela destaca que, ao trabalhar temas como a Revolução Francesa, usava filmes para problematizar e trazer questões para debate, sem assumir que os eventos ocorreram exatamente como retratados no filme.

Essa abordagem é apoiada por Moran (1995), ao entender que filmes podem ser usados para sensibilizar e ilustrar conteúdos, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica dos temas abordados. Além disso, Napolitano (2008) argumenta que filmes de ficção, apesar de sua subjetividade, podem ser ferramentas valiosas para a educação, desde que sejam analisados criticamente em seu contexto histórico e cultural.

Por outro lado, o cinema pode ser utilizado como uma fonte histórica, oferecendo uma perspectiva única sobre eventos passados. Napolitano (2008) discute a importância das fontes audiovisuais na pesquisa histórica, destacando que filmes podem ser considerados documentos históricos que refletem as visões e valores da época em que foram produzidos. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam habilidades críticas ao analisar como os filmes representam e interpretam eventos históricos.

A colaboradora “E” (2020) exemplifica essa prática ao usar filmes temáticos para discutir a Revolução Francesa, problematizando e debatendo as representações cinematográficas com os alunos. Essa metodologia está alinhada com as propostas de Moran (1995), que sugere o uso de filmes como conteúdo e suporte para outras mídias, promovendo uma análise crítica e reflexiva.

A chave para seu uso eficaz está na análise crítica e na adaptação das

práticas pedagógicas às necessidades e contextos específicos dos alunos. Ao integrar filmes de maneira reflexiva e problematizadora, os educadores podem promover uma compreensão mais profunda e crítica dos conteúdos, contribuindo para a formação integral dos alunos.

2.5 Cine clube ou Cine Debate na escola

O cinema, como uma forma de arte e entretenimento, tem ganhado destaque na educação, não apenas como ferramenta pedagógica, mas também como meio de promover a formação crítica e cultural dos estudantes. A utilização do cinema nas escolas tem se mostrado eficaz para sensibilizar, ilustrar conteúdos teóricos, e engajar os alunos em discussões profundas sobre temas sociais, culturais e históricos. Este texto aborda a experiência da colaboradora na implementação de um cineclube escolar e reflete sobre a importância e os desafios do cineclubismo na educação.

A colaboradora “E” (2020) compartilha sua experiência ao iniciar um cineclube em uma nova escola:

“Lá eu comecei um cineclube com alguns alunos e a gente se reunia em horário de almoço e intervalo, porque eu não tinha projeto. As turmas de segundo ano se interessaram, e eles tinham uma demanda devido aos jogos internos da escola que causavam muita competitividade, rivalidade e confusão. Então, pensamos em filmes, curtas-metragens que trabalhassem a amizade e começamos a pesquisar filmes dessa maneira. Já conhecia o Porta Curtas, YouTube também. A gente foi encontrando filmes legais e fazendo as sessões desse jeito. A demanda vinha dos estudantes: quero falar sobre aborto, sobre intolerância religiosa, quero falar sobre racismo. Eu dizia para eles: quais são as demandas de vocês aqui dentro? Daí vinha tudo isso: igualdade de gênero, daí foi um monte de coisa e a gente fez isso durante 2013 e 2014 porque deu certo. A gente tinha bilhete para ingresso, eles faziam fila para conseguir, a gente fazia a sessão na biblioteca da escola e no horário da sessão geralmente eu estava em horário de estudo e os alunos estavam em horário de aula, mas a direção autorizou e eu tirava eles para participar da sessão uma vez ao mês.” (COLABORADORA “A”, 2020.)

Em 2014, a colaboradora “E” (2020) transformou seu projeto em Projeto Cineclube, formando os alunos de 2014 e 2015 com o Cineclube. Além das sessões, eles realizaram uma mostra de filmes estudantil com a perspectiva de direitos

humanos. O projeto incluía comissões rotativas de curadoria, divulgação e comunicação, logística e debate, permitindo que os alunos escolhessem suas áreas de interesse a cada mês.

Segundo José Manuel Moran, 1995 o cineclubismo na escola pode ser uma ferramenta poderosa para a educação, promovendo a reflexão crítica e a ampliação do repertório cultural dos alunos. Moran destaca que o cinema pode ser utilizado de diversas formas na educação, como sensibilização, ilustração, simulação, conteúdo, produção, avaliação, vídeo-espelho e vídeo-interação.

Marcos Napolitano, 2007 também enfatiza a importância do cinema como fonte histórica e cultural, argumentando que filmes podem ser utilizados para problematizar e debater questões sociais e históricas. A prática cineclubista pode contribuir para a formação crítica dos alunos, promovendo a reflexão sobre as representações cinematográficas e suas implicações culturais e sociais.

O cineclubismo pode contribuir significativamente para a educação, promovendo a formação humana e cultural dos alunos. Conforme Arendt e Freire, (2010) salientam, a escola deve colaborar para que as novas gerações se apropriem da cultura e reinventem um mundo para todos, edificando no bem viver e no viver bem. O cineclube nos territórios escolares pode ser uma forma de acolher bem os alunos, ampliando seu repertório cultural e estético.

Segundo Teixeira (2010), a escola também tem muito a ensinar ao movimento cineclubista, especialmente em termos de dedicação, zelo e atenção para com as crianças, adolescentes e jovens. A escola e o cineclubismo podem se encontrar e se completar, promovendo ações de reciprocidade e colaboração que contribuem para o bem comum e a felicidade de todos.

O cineclubismo na escola, seja através de cineclubes ou cine debates, oferece uma oportunidade única para enriquecer a educação dos alunos. Ao promover a reflexão crítica, a ampliação do repertório cultural e a formação humana, o cineclubismo pode transformar a experiência educativa, tornando-a mais significativa e envolvente.

2.6 Ver, sentir e fazer cinema na escola

A Produção de Vídeo Estudantil (PVE) é uma metodologia pedagógica que visa capacitar professores e alunos a criar vídeos educacionais, utilizando conhecimentos técnicos, pedagógicos e de conteúdo para escolher a maneira mais adequada em cada situação. Para SILVA,

A produção de vídeo estudantil é uma ferramenta poderosa no processo educacional, pois permite que alunos e professores desenvolvam habilidades técnicas e criativas, promovendo um aprendizado mais engajado e colaborativo. Ao criar vídeos educacionais, os estudantes não apenas assimilam o conteúdo de forma mais eficaz, mas também desenvolvem competências críticas e inovadoras que são essenciais para a formação integral (SILVA, 2018, p. 15).

Essa abordagem promove o engajamento dos alunos, desenvolvendo habilidades críticas, criativas e colaborativas, além de proporcionar uma formação diferenciada nas áreas do conhecimento. A colaboradora “E” (2020) compartilha uma experiência significativa que ilustra o potencial da PVE na educação.

Em 2012, durante o centenário de Luiz Gonzaga, ela decidiu fazer um curta-metragem sobre a vida do artista. A escola propôs um trabalho diferente para comemorar a data, e a colaboradora, que leciona Geografia, Arte e História, viu a oportunidade de criar um projeto interdisciplinar. “Eu pensei, fiz um projeto que articula todas as matérias e fiz o projeto Interdisciplinar” (COLABORADORA “E”, 2020).

Apesar de não ter experiência prévia, a colaboradora contou com a ajuda de um amigo que fazia cinema, que a orientou na escolha de livros e leituras sobre o tema. Ela elaborou o roteiro junto com os alunos da sexta série, coordenando o processo e incentivando a participação ativa dos estudantes. “Eu me surpreendi quanto o cinema tem tanto potencial dentro da escola” (COLABORADORA “E”, 2020).

A produção do curta-metragem exigiu comprometimento e tempo extra. A colaboradora “E” (2020), trabalhava pela manhã, mas dedicava as tardes para continuar o projeto com os alunos que podiam participar. “Várias tardes eu trabalhei gratuitamente e os meninos foram, e eu não me arrependo nem um minuto pelo tempo que dediquei a eles” (COLABORADORA “E”, 2020). A equipe visitou o museu

e o memorial de Luiz Gonzaga em Pernambuco, aproveitando a visita para fazer algumas fotos, e gravou cenas em stop motion.

A produção enfrentou desafios, como a tentativa de gravar uma cena na festa junina da escola, que não deu certo devido ao barulho e à falta de experiência com a câmera. Esse contratempo levou a colaboradora a buscar novas técnicas, como o uso de stop motion com fotografias. “Os outros que não estavam na cena, nem filmando, ajudaram no figurino, afastaram a população na hora das fotos”, relata (COLABORADORA “E”, 2020).

A falta de uma escola integral também foi um obstáculo, pois os alunos precisavam ir para casa almoçar. Para garantir a presença dos estudantes, a equipe se organizava para comprar alimentos e preparar refeições na escola. Em outra gravação, a colaboradora precisou da ajuda do amigo e de equipamentos emprestados, dedicando um dia inteiro na quadra da escola para concluir o trabalho. A PVE é uma metodologia que promove a integração de diversas áreas do conhecimento, incentivando a interdisciplinaridade e a colaboração entre alunos e professores. Segundo Moran (1995), a produção de vídeos pode ser uma ferramenta poderosa para a educação, desenvolvendo habilidades críticas e criativas nos alunos. Napolitano (2008) também destaca a importância do cinema como fonte histórica e cultural, promovendo a reflexão crítica e a análise contextual.

A experiência da colaboradora “E” (2020) demonstra como a PVE pode transformar a educação, proporcionando uma aprendizagem significativa e envolvente. Ao integrar a produção de vídeos no currículo escolar, os educadores podem promover o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação integral dos alunos, contribuindo para uma educação mais rica e diversificada. A colaboradora “E” (2020) detalha a fase final do projeto, destacando a escolha das músicas para a trilha sonora e a edição do vídeo.

As músicas que tinha escolhido para compor a trilha sonora, daí meu amigo editou, eu fui uma espécie de assistente, eu ajudei a selecionar as fotos, não fiz nada na edição!”. Após seis meses de trabalho, o projeto ficou pronto e a estreia foi marcada para um sábado de manhã, com a presença dos pais e da comunidade. “Fizemos um banner tipo cartaz de locadora e fizemos a estreia, num dia de sábado de manhã, para chamar pais e comunidade para a quadra da escola. Para fechar a quadra da escola,

colocamos TNT nas grades para escurecer e a gente chamou a quadra neste dia de Cinema Sport Clube, Cinema São José Sport Club, letras com papel. Os alunos participaram ativamente da decoração, imitando o vitral do cinema São Luiz e desenhando elementos como cactos, Sertão, Luiz Gonzaga, Luiz Lua e corações, com papel celofane atrás. “Usamos um projetor da escola mesmo e arrumamos as cadeiras como se fosse cinema, com o corredorzinho. Só não colocamos o tapete vermelho, esqueci. Oferecemos pipoca e fizemos a estreia, convidamos os personagens para ir lá para frente para falar da construção do filme. O projeto teve um impacto significativo nos alunos, especialmente no mais bagunceiro da turma, que interpretou Luiz Gonzaga no filme. “Obviamente não mudou a vida dele, saiu de extremo hiperativo para eu não faço nada mais, ele continuou dando trabalho na escola, mas ele passou a respeitar mais, a participar em outras atividades (Colaboradora “E”, 2020).

A PVE, exemplificada pela experiência da colaboradora E, mostra como a produção de vídeos pode ser uma ferramenta poderosa na educação. Ao envolver os alunos em todas as etapas do processo, desde a pesquisa e roteiro até a gravação e edição, os educadores podem promover uma aprendizagem significativa e colaborativa. A PVE não só desenvolve habilidades técnicas e criativas, mas também fortalece a autoestima e o senso de pertencimento dos alunos, contribuindo para uma educação mais inclusiva e transformadora.

A colaboradora “E” (2020) demonstra como a PVE pode transformar a educação, proporcionando uma aprendizagem significativa e envolvente. Ao integrar a produção de vídeos no currículo escolar, os educadores podem promover o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação integral dos alunos, contribuindo para uma educação mais rica e diversificada.

2.7 Cinema e ensino de história na Pandemia Covid 19

Durante a pandemia de Covid-19 o ensino de História enfrentou desafios sem precedentes, que exigiram adaptações significativas para manter o engajamento dos alunos e a qualidade da aprendizagem. As escolas, privadas do ensino presencial, tiveram que recorrer a metodologias inovadoras para continuar o ensino a distância. Nesse contexto, o cinema emergiu como uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de transformar a sala de aula virtual em um espaço de reflexão crítica e aprendizado histórico. A exibição de filmes permitiu que os alunos experimentassem as aulas de História de forma mais dinâmica e imersiva, superando as limitações

impostas pelo isolamento e pela distância física entre educadores e estudantes (BERGALA, 2016).

A relação entre cinema e ensino de História já vinha sendo explorada antes da pandemia, mas se tornou ainda mais relevante nesse período, pois oferece uma maneira prática de tornar temas históricos mais acessíveis e envolventes. Filmes históricos, documentários e até mesmo produções ficcionais com base em fatos reais permitem que os alunos tenham uma visão mais vívida de períodos específicos, personagens marcantes e acontecimentos cruciais. Durante o ensino remoto, o cinema auxiliou na contextualização e visualização de épocas e eventos históricos, proporcionando uma imersão que, de outra forma, seria difícil de alcançar apenas com o uso de livros e aulas teóricas (MELEIRO, 2013).

No entanto, o uso de filmes para o ensino de História durante a pandemia não se limitou apenas à transmissão de conhecimento factual. Os professores passaram a utilizar essas obras audiovisuais para fomentar a análise crítica, incentivando os alunos a refletirem sobre a forma como os eventos históricos são retratados e sobre as perspectivas e narrativas que são privilegiadas ou omitidas. Com isso, o cinema serviu não apenas como uma ferramenta de aprendizado, mas também como um meio para discutir a construção das representações históricas e a interpretação dos fatos, estimulando o pensamento crítico e a capacidade de análise dos alunos em um contexto marcado pela avalanche de informações e notícias.

O cinema também desempenhou um papel importante na manutenção do interesse e da motivação dos alunos durante o ensino remoto. Em um cenário de isolamento social, o uso de filmes trouxe um elemento de entretenimento e proximidade emocional, ajudando a aliviar a carga mental do período de confinamento. A experiência de assistir a um filme e debater sobre ele trouxe um sentido de continuidade e normalidade, mesmo em um ambiente de aprendizado virtual. Percebe-se que o cinema possibilitou que os alunos permanecessem conectados com o conteúdo histórico de uma maneira prazerosa e instigante fortalecendo o vínculo com a escola e com o processo educacional (BERGALA, 2016).

Diante do que foi apresentado, nota-se que é necessário considerar os desafios envolvidos no uso do cinema para o ensino remoto de História durante a

pandemia. Nem todos os alunos possuem fácil acesso a equipamentos e a uma internet de qualidade, o que limitou a possibilidade de aproveitamento pleno das atividades audiovisuais, pois a seleção de filmes que representem com precisão os fatos históricos e que estejam adequados à faixa etária dos alunos é uma responsabilidade fundamental dos educadores. Uma vez que na prática requer um planejamento cuidadoso para que os filmes escolhidos realmente contribuam para os objetivos pedagógicos e sejam integrados ao conteúdo curricular de maneira significativa.

A pandemia de Covid-19 com o ensino remoto apresentou desafios, o colaborador “I” (2021) e a colaboradora “F”(2022) utilização de filmes para tornar suas aulas mais atrativas, segundo SOARES, “o audiovisual é eficaz para tornar as aulas de História mais atrativas e contextuais” (SOARES, 2011, p.45).

O colaborador “I” teve a ideia de exibir um filme sobre a Primeira Guerra Mundial para os alunos do nono ano à tarde, sem um planejamento prévio. Ele lembrou de como costumava exibir filmes e considerou usar seu canal da Twitch³, que já havia sido utilizado para transmissões de jogos ao vivo. A decisão foi motivada pela flexibilidade da Twitch em relação aos direitos autorais, diferentemente do YouTube, onde vídeos poderiam ser barrados ou o canal poderia ser suspenso.

Com essa ideia em mente, o colaborador decidiu transmitir o filme diretamente pela Twitch usando um programa que já possuía o filme salvo. Durante a transmissão, houve problemas técnicos devido à conexão com a internet, o que interrompeu a transmissão. Para contornar essa situação, ele transferiu o filme para outro computador e retomou a exibição, garantindo que os alunos assistissem ao filme completo. Os alunos estavam conectados via Google Meet, mas enfrentaram dificuldades técnicas porque o áudio não era transmitido corretamente. Para resolver isso, o colaborador decidiu mover a transmissão para a Twitch, onde foi possível concluir a exibição do filme. Após o término do filme, ele conversou com os alunos sobre o conteúdo, explicando como o filme se relacionava com o tema estudado e como funcionava o cineclube histórico.

Essa experiência espontânea acendeu uma ideia: a possibilidade de passar mais filmes para os alunos. Na semana seguinte, ele se organizou melhor e continuou a transmissão de filmes diretamente pela Twitch. Utilizou o Google Meet para discutir o filme com os alunos após as exibições. Com o tempo, aprimorou o processo e decidiu convidar dois amigos, que também trabalham na educação pública e privada, para expandir o projeto. Isso permitiu estender o convite a mais alunos do ensino fundamental e médio.

A implementação do cineclube digital pelo colaborador I foi um exemplo de como a adaptação e o uso criativo da tecnologia podem superar desafios e enriquecer a experiência educativa. Sua habilidade de refletir sobre o processo e aprimorá-lo resultou em uma ferramenta eficaz para o ensino, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e envolvente.

O cinema não só ajudou os alunos a entenderem melhor os períodos históricos e as suas complexidades, mas também serviu como um canal de diálogo sobre a construção das narrativas históricas e a análise das fontes. A experiência do uso do cinema no ensino durante a pandemia traz lições valiosas sobre a importância da educação audiovisual, mostrando como essa prática pode seguir contribuindo para o ensino de História mesmo em tempos de normalidade. O cinema tem uma magia própria que ultrapassa as barreiras da sala de aula, e, no ensino de História, ele se torna uma ferramenta poderosa para despertar o interesse dos alunos.

Ao trazer imagens, sons e enredos baseados em eventos reais ou inspirados neles, o cinema consegue transportar o espectador para diferentes épocas e culturas, permitindo uma imersão difícil de alcançar apenas com livros ou aulas expositivas. Em vez de aprender de maneira usual, os alunos passam a viver as histórias, conhecendo personagens e eventos como se fizessem parte deles. Isso é especialmente importante em uma disciplina que muitas vezes é vista como apenas uma coleção de datas e fatos, mas que, na verdade, é cheia de complexidades e emoções (MELEIRO, 2013).

Durante a pandemia de Covid-19, quando o ensino remoto virou a regra, o cinema se mostrou ainda mais essencial para manter a conexão dos estudantes

com o aprendizado. O isolamento e a rotina de aulas online trouxeram uma série de desafios para professores e alunos, e muitos temas ficaram mais difíceis de explicar à distância. Nesse cenário os filmes ajudaram a criar um elo entre os alunos e o conteúdo, funcionando quase como um “atalho” para que eles pudessem se sentir parte do contexto histórico discutido em aula. Um filme bem escolhido não só explicava um período ou uma guerra, mas envolvia o aluno, permitindo que ele sentisse o peso dos dilemas e conquistas vividas por outras gerações (BERGALA, 2016).

Ao assistir a um filme, o aluno não está só absorvendo informações; ele está experimentando outras realidades, entendendo emoções, culturas e mentalidades de outros tempos. Para o professor, isso abre portas para diálogos profundos sobre o que se vê e o que se sente. Após a exibição de um filme, muitos alunos, mesmo à distância, levantam questões sobre a veracidade das cenas, a escolha de representar certos personagens ou acontecimentos e o próprio processo de produção de uma narrativa histórica. Assim, o cinema não é apenas uma ferramenta de apoio, mas uma base para promover uma visão crítica. Ele faz os alunos pensarem sobre a História não como um conjunto estático de fatos, mas como algo interpretado e contado sob diferentes olhares.

O cinema tornou-se um alívio emocional durante os dias pesados da pandemia. O ato de assistir a um filme transportava os alunos para fora de suas casas, mesmo que por algumas horas. Era uma experiência que, de certo modo, os libertava das limitações impostas pelo confinamento, permitindo que viajassem no tempo e no espaço, conhecendo civilizações antigas, revoluções e conflitos que moldaram o mundo. Ao final do filme, o aluno não só sabia mais sobre um tema, mas também sentia que viveu uma experiência transformadora. Para muitos, essa foi uma forma de se manterem ligados à escola e ao aprendizado, em um período em que a desmotivação poderia facilmente tomar conta.

Além disso, o cinema ofereceu uma oportunidade única de engajar os alunos de maneira dinâmica e interativa. Através das produções cinematográficas, os estudantes puderam explorar diferentes pontos de vista e desenvolver habilidades críticas, além de fortalecerem laços sociais com seus colegas e professores, mesmo à distância. Mas, como qualquer recurso educacional, o uso do cinema

também trouxe alguns desafios. Nem todos os alunos possuem o mesmo acesso a recursos tecnológicos ou à internet, o que gerou desigualdade no aproveitamento das aulas com filmes. Os professores precisam ter cuidado na escolha das produções, pois é fundamental que elas sejam historicamente precisas e adequadas para a idade dos alunos. Esse trabalho exige pesquisa e um planejamento cuidadoso para garantir que a experiência seja realmente enriquecedora e que os filmes escolhidos ajudem a construir um entendimento mais completo do conteúdo (SOARES, 2011).

O que fica claro é que o cinema e o ensino de História são aliados potentes e humanos, capazes de fazer com que os alunos vejam a História com outros olhos. Mais do que ensinar datas, o cinema ensina a sentir a História, a se questionar, a refletir sobre quem somos e sobre como chegamos até aqui. Se, durante a pandemia, ele foi uma maneira de manter o aprendizado vivo, talvez no futuro ele possa ser um recurso cada vez mais presente em sala de aula, proporcionando experiências de ensino que sejam, ao mesmo tempo, informativas e emocionantes. Afinal, a História é feita de pessoas, e o cinema nos lembra disso a cada cena, trazendo à tona as emoções e os dilemas que fizeram e ainda fazem parte de nossas vidas.

A presente dissertação vem acompanhada de um produto educacional voltado aos professores e professoras de História da educação básica que têm como intuito principal familiarizar-los com as diversas possibilidades de utilizar o cinema na escola.

CAPÍTULO 3 – O LIVRETO COMO PRODUTO EDUCACIONAL: DIÁLOGOS ENTRE EXPERIÊNCIAS DOCENTES E PRÁTICAS COM O CINEMA

3.1 Propósito e gênese do material

O desenvolvimento do livreto (apêndice 2) *“Do chão da escola: narrativas de si de professores e professoras sobre o uso do cinema no ensino de História”* resulta diretamente das inquietações surgidas ao longo desta pesquisa. Ao constatar o uso restrito do cinema nas escolas da Rede Municipal de São Francisco de Assis (RS) e, ao mesmo tempo, ouvir experiências inspiradoras de docentes de diferentes regiões do Brasil, ficou evidente a necessidade de um material que pudesse funcionar como ponte entre teoria e prática, desejo e possibilidade. Assim, o livreto nasce como um produto que visa a inspirar, orientar e acolher professores e professoras que desejam explorar o cinema como recurso pedagógico, respeitando seus contextos escolares e subjetividades.

3.2 Estrutura do material e diálogo com a pesquisa

O livreto está dividido em seções temáticas alinhadas aos dois primeiros capítulos desta dissertação e é ilustrado com excertos das narrativas dos colaboradores da pesquisa, que se referem tanto a experiências bem-sucedidas quanto aos desafios enfrentados. Sua estrutura contempla:

- Apresentação do ProfHistória e da metodologia das Narrativas de Si;
- Aproximações entre documentos oficiais (BNCC, PCNs e Lei 13.006/2014) ;
- Exemplos práticos com sugestões de filmes e planos de aula;
- Experiências com cineclubes e produção de vídeo estudantil (PVE);
- Estratégias para mediação pedagógica e formação crítica;
- Um índice temático e sugestões de leitura complementar.

Um exemplo é a experiência da colaboradora "A", que ao relatar a exibição de *Titanic* para uma turma da EJA, revelou como o cinema pode ser catalisador de afetos, memória e pertencimento. Em outro momento, o cineclube virtual organizado

pelo colaborador "I", no estado de Rondônia, durante a pandemia, demonstra a versatilidade e a resiliência da prática docente frente aos desafios da educação remota. Esses relatos, ao lado da experiência da colaboradora "E" com a produção de um curta sobre Luiz Gonzaga, ilustram diferentes maneiras de integrar o cinema à sala de aula — da fruição estética à autoria audiovisual.

Pensado como um recurso autônomo, o livreto pode ser utilizado por professores/as de História da Educação Básica tanto como instrumento de formação continuada quanto como material de apoio no planejamento pedagógico. A linguagem direta e acessível, somada ao uso de exemplos reais, permite sua aplicabilidade em diferentes contextos: escolas com ou sem estrutura tecnológica, em turmas regulares, de EJA, ou em projetos interdisciplinares.

O material também fornece estratégias de convencimento junto à gestão escolar — aspecto recorrente nas narrativas — e alternativas para lidar com a escassez de tempo, equipamentos ou apoio institucional, sem perder de vista a centralidade dos estudantes como protagonistas.

Ao sistematizar experiências de uso do cinema no ensino de História a partir do chão da escola, o livreto reforça a ideia de que a inovação não precisa vir de fora: ela já acontece no cotidiano, nas decisões criativas, nos imprevistos e nas mediações afetivas feitas por professores/as. Dessa forma, o produto educacional reafirma o compromisso desta dissertação com a valorização do saber docente, com a escuta das experiências e com a construção coletiva de alternativas pedagógicas críticas, sensíveis e viáveis.

3.3 Considerações sobre o produto

Mais do que um apêndice, o livreto é parte viva desta pesquisa. Ele consolida uma ponte entre a escuta e a ação, entre o desejo de renovar práticas e a urgência de apoiar quem ensina nas mais diversas condições. Ao transformar narrativas em possibilidades, ele se propõe a ser um instrumento que inspire, acolha e motive educadores e educadoras a experimentarem o cinema como linguagem viva, sensível e transformadora no ensino de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do cinema na escola está intrinsecamente ligado a questões afetivas, mais do que à formação acadêmica. Muitos colaboradores relataram a falta de debate sobre o uso do cinema no ensino de história durante sua formação acadêmica, mesmo quando o curso foi licenciatura em História. As narrativas revelam múltiplas possibilidades para o uso do cinema no ensino de história, desde a simples ilustração de um conteúdo até a produção de curtas-metragens com os estudantes ou a realização de cine debates virtuais em meio a uma pandemia.

A pesquisa demonstrou que as dificuldades para trabalhar com cinema na escola existem tanto nas escolas públicas quanto nas privadas, mas isso não impede a realização do trabalho. Alguns professores relataram o uso de trechos de filmes, mas a maioria defende a utilização da obra completa, para não cortar a narrativa. No entanto, adaptações são necessárias quando se trata de atividades com estudantes do ensino fundamental.

Em relação às questões pedagógicas, a maioria dos professores entende o filme como uma ferramenta com grande potencial pedagógico, respaldado por documentos legais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Entretanto, a Lei 13.006, que regulamenta a exibição de filmes nas escolas, não é de conhecimento de todos os colaboradores.

A maioria dos professores utiliza filmes na sala de aula, apesar de lamentar a falta de tempo, o que torna necessário selecionar alguns temas específicos. Isso não impede, contudo, que façam indicações de filmes para os alunos, que muitas vezes veem o professor como uma verdadeira biblioteca de recomendações cinematográficas.

Todas as narrativas destacam a importância de assistir ao filme na íntegra. As práticas pós-filme variam, desde a produção textual e roteiros de perguntas até a realização de debates. O debate é amplamente defendido, pois proporciona uma diversidade de olhares sobre a obra cinematográfica e ajuda os estudantes a compreenderem que há diferentes versões e perspectivas, sempre mediadas pelo professor, promovendo assim a democracia e o direito à fala de todos.

Os formatos de filmes utilizados são majoritariamente longas-metragens, mas os colaboradores também relataram o uso de curtas, ficção, animação, documentários, entre outros gêneros cinematográficos. Todos esses formatos são significativos, considerando o contexto em que estamos inseridos. Conforme Vitória Azevedo destaca, "um cineclube na cidade de Diamantina terá um significado diferente de um cineclube em uma escola em São Paulo". Isso reforça a necessidade de entender o contexto local.

Para os professores e professoras que desejam desenvolver atividades com cinema na escola, o primeiro passo é conquistar a gestão, os colegas e, principalmente, os estudantes. Argumentar sobre a legislação e os documentos oficiais pode ajudar na conquista da gestão. Nem sempre é possível trabalhar de forma interdisciplinar com os colegas, mas é crucial envolver os estudantes como protagonistas do processo, pedindo ajuda na escolha dos filmes, organização do espaço e montagem dos equipamentos.

A consideração final desta pesquisa é que a afetividade é essencial. A maioria das narrativas está carregada de afetividade com o cinema, desde a infância ao ir ao cinema com familiares até a experiência de assistir filmes na escola. O cinema na educação é uma ferramenta poderosa para ensinar, conectar e inspirar, criando laços afetivos e proporcionando novas oportunidades de aprendizado e integração.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). **Cineclube, Cinema & Educação**. Editora Praxis, 2010.

ARENDT, H., & Freire, P. **Educação e Emancipação**. Editora Paz e Terra. 4: Teixeira, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **Cinema e História: entre expressões e representações**. In: NÓVOA, *Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

BERGALA, A. **A hipótese do cinema: ensinando cinema na sala de aula e além**. Viena: Museu do Cinema Austríaco. 2016

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Identidades e ensino da história no Brasil**. In: CARRETERO, Mario, ROSA, Alberto, GONZÁLES, Maria Fernanda (orgs.). *Ensino da história e memória coletiva*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de História**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 127-149, ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v32n93/0103-4014-ea-32-93-0127.pdf>. Acesso em: 01 maio 2019.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2018.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. - Brasília: CNV, 1996 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v.3). 2014

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/SEF, 2017.

Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 13.006/2014). Dispõe sobre a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm. Acesso em: 12 jan. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 12 jan. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília, DF: MEC, 1997. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/educacao-basica/documentos-referencia/pcn>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2010, 228 p. Disponível em:

<https://www.ohchr.org/Documents/Issues/NHRA/ProgrammaNacionalDireitosHumanos2010.pdf>. Acesso em 27 nov. 2019.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Geração Homo Zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica**. In: MAGALHÃES, Marcelo *et al.* (Org.). *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: FGV, p. 165-183. 2014.

COSTA, Aryana Lima e DE OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. **O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: No aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá**. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/858887/mod_resource/content/1/2007-O%20Ensino%20de%20hist%C3%B3ria%20como%20objeto%20de%20pesquisa%20no%20Brasil.pdf. Acesso em 20 de março de 2021.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Aprendizagem histórica: narrativas autobiográficas como dispositivos de formação**. 2016. Disponível em:

<https://www.academia.edu/75826233/Aprendizagem_hist%C3%B3rica_narrativas_autobiogr%C3%A1ficas_como_dispositivos_de_forma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 jan. 2025.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado, FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, 2009.

EDGAR-HUNT, Roberto, MARLAND, John, RAWLE, Steve. **A Linguagem do cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, Câmera e História: práticas de ensino com o cinema**, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2018.

FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas**. 2015. Disponível em: https://www.redekino.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf. Acesso em: 06 jun. 2021.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e —fora da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GASPAROTTO, Alessandra, PADRÓS, Enrique Serra. **A Ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e compromissos com o resgate da História recente e da memória**. In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel et al. (orgs.). *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010.

KLEINE, Denise Quitau. **Cinema e ensino de história: propostas para uma abordagem da pluralidade cultural nas séries finais do Ensino Fundamental**. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MACHADO, Arthur Versiani. **Filmes históricos no Ensino de História**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MELEIRO, A., & Morettin, E. (Eds.). **Cinema e História na América Latina: Cinco Ensaíos**. São Paulo: USP. 2013.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo, Editora Perspectiva. 1972.
MISTURA, Letícia. "As matrizes teóricas da aprendizagem histórica no Brasil: um estudo compreensivo", publicado na Revista História Hoje, v. 9, n. 18, p. 77-100, 2020.

MISTURA, Letícia. "As matrizes teóricas da aprendizagem histórica no Brasil: um estudo compreensivo", publicado na Revista História Hoje, v. 9, n. 18, p. 77-100, 2020.

MONTEIRO, Ana Maria. **Os saberes que ensinam: o saber escolar. Professores de histórias: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro, ed. Mauad X. 2007.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Papirus Editora. (1995).

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Papirus Editora. 2: Bourdieu, P. 2007.

MORAN, J. M. **O Uso do Cinema na Educação**. São Paulo, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Cinema: Dimensões Históricas do Audiovisual no Brasil**. São Paulo, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2ª edição, Editora Contexto, 2018.

OLIVEIRA, Nice Rejane da Silva. **Cinema e ensino de história na Escola Graça Aranha em Imperatriz – MA**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, Tocantins, 2018.

PADRÓS, Enrique Serra. **História do Tempo Presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos. Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30 – 45, jan./jun. 2009.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PRADO, Alethéia Paula Lapas. **Em cena a História ensina: a produção de narrativas visuais na perspectiva da educação histórica**. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2018. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430743>. Acesso em: 28 maio 2019.

PRIVATTI, Rafael Alves Bastos. **Desenhos animados e ensino de História: uma aposta para o letramento nas séries iniciais da escolarização**. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL. Universidade Federal de Pelotas 2: Narrativa da Colaboradora E. 3: Napolitano, M. **Fontes audiovisuais: a história depois do papel**. In Pinsky, C. B. (Org.), **Fontes Históricas** (2ª ed.). Editora Contexto. 2008.

ROCHA, Helenice. **A presença do passado na aula de História**. In: MAGALHÃES, Marcelo et al. (Org.). **Ensino de História: Usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: FGVp.33-52, 2014.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história, fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora UnB, 2001 [1983].

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva". **Infância Roubada: crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. São Paulo: ALESP, 2014. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf. Acesso em 20 fev. 2020.

SOARES, I. O. **Educação para a Comunicação**. São Paulo: Loyola. 2011.

VIANA, M. da C., Rosa, M., & Orey, D. C. **O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural.** Educ. rev. 33. 2017.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **"Uma história sem fim - O cineclube abraça a escola."** In: Giovanni Alves e Felipe Macedo (Organizadores). *Cineclube, Cinema & Educação*. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2010, p. 125-137.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **ProfHistória:** Mestrado Profissional em Ensino de História. Banco de Teses. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/banco_tese. Acesso em: 19-21 abril 2019.

Dissertações

AGUIAR, Maicon Roberto Poli de. **O Oriente Médio Através de Outras Lentes: Uma Narrativa Audiovisual para Refletir as Representações sobre a Região em Sala de Aula.** 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173543>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRINGEL, Eliane Leite Barbosa. **O Uso do Filme no Ensino e Aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos - EJA em Araguaína-TO.** 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Araguaína, 2016. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173168>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BROSSA, João Misael da Silva. **A Escola Encontra o Passado no Cinema: "Luz, Câmera... Educação!"**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572934>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DIAS, Luciana Fernandes. **A Leste de Bucareste: Cinema, História e Memória em Sala de Aula.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430223>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FREITAS, Muriel Rodrigues de. **Camilles, Pierinas e Eunice - Condenadas pela razão: Mulheres; Loucuras; Documentário e Ensino de história.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2018.

GARCIA, Murilo dos Santos. **Movimento Cineclubista na Escola: um caminho possível para a execução da Lei 13.006/14.** 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020. Disponível

: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586358>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GUIMARÃES, Leon Neves. **Oficinas do Tempo: Elaboração e Execução de uma Sequência Didática no Ensino de História**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598274>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KLEINE, Denise Q. **Cinema e Ensino de História: propostas para uma abordagem da pluralidade cultural nas séries finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173462>>. Acesso em: 20 nov.

LINS, Mariana Mendes. **Linhas do Tempo: Trabalhando Tempo e Temporalidades com Alunos do 6º Ano**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174607>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MARTINS, Gisele Menezes. **A Utilização do Cinema no Ensino de História: O Filme Virgem Margarida e a Política Sociocultural em Moçambique Pós-Independência**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586674>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Eva Simone de. **Memorial Água da Fonte: Religiosidade Popular e Devoção ao Monge João de Maria no Município de Farol – PR (Narrativas e Produção Audiovisual)**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575543>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Nice Rejane da Silva. **Cinema e Ensino de História na Escola Graça Aranha em Imperatriz – MA**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Luís, 2019. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431024>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINTO, Arthur Gibson Pereira. **Super Heróis e Ensino de História, um Guia Visual: Sugestões Didáticas para o Uso de Filmes da Marvel e DC na Sala de Aula**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2018. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430604>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINTO, Jonas Tadeu Amaral. **A Hipótese-Cinema: Escola, Produção Audiovisual e Ensino de História.** 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2019.

Disponível em:
<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572966>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

QUEIROZ, Deborah Silva de. **Memória da Resistência à Ditadura Militar Brasileira: Guia para Utilização de Filmes em Sala de Aula.** Dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2016.

SILVA, Vitaly Costa e. **O aprendizado da linguagem cinematográfica como suporte para a promoção da consciência crítica nas aulas de história.** 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020.

Disponível em:
<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584835>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOUZA, Denildo de. **Histórias em Movimentos: Conquistas e Resistências no Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí Mato Grosso do Sul.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-Graduação em Educação, Dourados, 2018. Disponível em:
<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431705>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Entrevistas:

COLABORADORA “A”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 20 OUT. 2020.

COLABORADOR “B”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 11 SET. 2020.

COLABORADOR “C”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 14 OUT. 2020.

COLABORADORA “D”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 07 SET. 2020.

COLABORADORA “E”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 19 SET. 2020.

COLABORADOR “F”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 07 SET. 2020.

COLABORADOR “G”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 23 OUT. 2020.

COLABORADOR “H”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 14 SET. 2020.

COLABORADOR “I”. Entrevista concedida a Rafaela Lunardi Martins. São Francisco de Assis, 15 ABR. 2021.

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro da entrevista semi-estruturada

Roteiro da entrevista semi-estruturada, aplicada para coleta de narrativas autobiográficas.

Perguntas:

- a) Nome e idade;
- b) Qual sua formação? Há quanto tempo está em sala de aula?
- c) Poderia falar um pouco sobre você? Qual a sua relação com o cinema?
- d) Poderia falar sobre a sua experiência em relação à combinação Cinema e Ensino de História?
- e) Quais dificuldades ao usar cinema na escola?
- f) Como você definiria Cineclube?
- g) Como o cineclube pode auxiliar no Ensino de História?
- h) Que significado tem o cinema e/ou cineclube para sua prática pedagógica e para sua vida?
- i) Você conhece, sabe da existência da lei 13.006, acredita que essa lei possa ser efetivada?
- j) Imagine que um professor ou professora queira organizar um cineclube na escola ou usar cinema em suas aulas, quais dicas você daria?
- k) Gostaria de sugerir algumas produções para compor a proposta de “material” que será disponibilizado às escolas e aos professores que desejam trabalhar com cinema?

Apêndice 2: Produto da dissertação Livreto “Do Chão da Escola”



ÍNDICE

INTRODUÇÃO

01 - SOBRE O PROFHISTÓRIA

02 - NARRATIVAS DE SI

03 - O QUE TEMOS NOS DOCUMENTOS

04 - CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA

05 - POSSIBILIDADE DE USAR O CINEMA

06 - DESAFIOS

07 - CINE CLUBE NA ESCOLA

08 - PVE NA ESCOLA

09 - MODELOS DE PLANOS DE AULA

10 - PARA QUEM QUER SABER MAIS!

11 - DISSERTAÇÕES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Este material busca sensibilizar professores e professoras para que façam uso do cinema no ensino de História, por meio da valorização de relatos registrados nas Narrativas de Si, e de levantamento de práticas bem-sucedidas em diferentes contextos educacionais, espera-se que este contribua para um diálogo enriquecedor sobre o cinema como ferramenta pedagógica.

Colegas de diferentes regiões compartilharam suas narrativas, apresentando suas vivências enquanto estudantes (na educação básica e na universidade), enquanto professores e professoras de História e, principalmente, enquanto sujeitos com afetividades envolvidas com o cinema.

01

SOBRE O PROFHIS

O Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) é uma formação contínua que tem transformado a realidade de muitos professores da Educação Básica no Brasil. Reconhecido pela CAPES, o curso é uma oportunidade única para aqueles que desejam atualizar seus conhecimentos e adotar metodologias inovadoras na sala de aula. Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o ProfHistória se destaca por oferecer uma sólida base teórica e prática, incentivando a pesquisa e a reflexão crítica.

O ProfHistória é, sem dúvida, uma oportunidade valiosa para quem deseja inovar e melhorar o ensino de História. Com uma formação contínua e qualificada, os educadores podem desempenhar um papel essencial na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Esse Livreto tem o objetivo refletir sobre a prática pedagógica (uso do cinema) e trazer a experiência direto do Chão da Escola.

02

NARRATIVAS DE SI



Para Cunha (2016) o exercício da re(memoração) autobiográfica é desencadeador de um processo de produção de consciência de si.

Este material é fruto das narrativas de professores de diferentes locais que utilizam o cinema em suas práticas na Educação Básica. As realidades são diversas: desde turmas de EJA no interior da Bahia assistindo a animações como "Shrek", até a análise do complexo "Nós que aqui estamos, por vós esperamos" em uma escola de aplicação dentro de uma universidade no Rio de Janeiro, as narrativas autobiográficas são uma significativa ferramenta para entendermos as vivências, trajetórias, as subjetividades e as "convivências" no chão da escola.

Encontraremos nesse Livreto, embasamento teórico e legal para o uso do cinema, até propostas práticas que os colaboradores experienciaram.

03 O QUE TEMOS NOS DOCUMENTOS

Os documentos orientadores como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), reconhecem o potencial do cinema como uma ferramenta educacional poderosa. Eles incentivam a integração do cinema no ensino para promover uma educação mais completa, crítica e culturalmente rica.

A BNCC reconhece o cinema como uma ferramenta pedagógica valiosa. Ela sugere o uso de filmes para:

- Desenvolver habilidades socioemocionais: Filmes podem ajudar a desenvolver empatia, compreensão e habilidades de comunicação.
- Promover a cultura e a identidade: Filmes podem ser usados para explorar diferentes culturas e histórias, enriquecendo o aprendizado dos alunos.
- Estimular o pensamento crítico: A análise de filmes pode incentivar os alunos a questionar, analisar e interpretar diferentes pontos de vista e mensagens.

O PCN também destaca a importância do cinema e do audiovisual na educação. Ele propõe:

- Integração de mídias digitais: Incentivar o uso de tecnologias digitais, incluindo o cinema, para tornar o ensino mais dinâmico e envolvente.
- Formação de professores: Capacitar os professores para que possam utilizar o cinema de forma eficaz no ensino.
- Inclusão de conteúdos audiovisuais: Incorporar filmes e outras mídias audiovisuais no currículo escolar para enriquecer o aprendizado e tornar as aulas mais atrativas.

LEI 13.006/2014

A Lei 13.006/2014 prevê a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais na educação básica, sancionada em 26 de junho de 2014, altera a Lei

de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatória a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica do Brasil.



Segundo a nova regulamentação, as instituições de ensino devem dedicar ao menos duas horas mensais à exibição de produções cinematográficas brasileiras, promovendo o contato dos alunos com obras audiovisuais nacionais. A lei visa incentivar o interesse pela cultura brasileira, valorizar a produção cinematográfica nacional e enriquecer o aprendizado dos estudantes por meio do cinema.

04 CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA

O cinema, quando integrado de forma reflexiva e planejada ao ensino de História, pode se revelar um recurso potente para enriquecer o aprendizado e estimular o pensamento crítico dos alunos. O uso de filmes históricos ou temáticos possibilita que os estudantes visualizem períodos históricos, compreendam diferentes perspectivas e desenvolvam uma relação mais próxima com o conteúdo.

Contudo, para que o cinema seja aproveitado como uma ferramenta pedagógica eficaz, é fundamental superar desafios estruturais e culturais no ambiente escolar, como a falta de equipamentos adequados e a resistência de alguns educadores que ainda enxergam o cinema como entretenimento, e não como um veículo de formação histórica.

05 POSSIBILIDADE DE USAR O CINEMA

Algumas possibilidades usadas e narradas por nossos colaboradores:

- Filmes completos - O colaborador B (2020), afirma que: "já passei o filme, antes de trabalhar o tema/conteúdo, durante o processo e no final, depois de trabalhar o conteúdo e daí finalizo com a sessão"
- Recortes do filme, cenas específicas - A colaboradora F (2020) afirma que: "com uma turma de sétimo ano eu passei partes do filme Amistad, as cenas que apresentam o navio negreiro, como é um filme muito grande, os alunos se cansam e não prestam atenção."
- Filmes de Curta-metragem - Os colaborados B (2020) e C (2020) sugerem que, ao trabalhar com o ensino médio, visto que tem pouca carga horária de história, uma possibilidade é usar filmes de curta-metragem.



06 DESAFIOS

A relação entre cinema e educação não é uma relação fácil, a chave para seu uso eficaz está na análise crítica e na adaptação das práticas pedagógicas às necessidades e contextos específicos dos alunos. Ao integrar filmes de maneira reflexiva e problematizadora, os educadores podem promover uma compreensão mais profunda e crítica dos conteúdos, contribuindo para a formação integral dos alunos.

Ao trabalhar com cinema a colaboradora F, (2020), afirma: “Tem que testar, cada professor tem que descobrir o seu jeito de fazer” (Colaboradora F, 2020)

ATENÇÃO - Pensar o espaço, de preferencia um local escuro, porém cuidado é necessário conhecer a turma e as especificidades dos estudantes, não podemos incluir um estudante autista com pânico do escuro em um ambiente sem luz.



07 CINE CLUBE NA ESCOLA

O cinema, como forma de arte e entretenimento, é uma ferramenta poderosa na educação, promovendo a formação crítica e cultural dos estudantes. Sua utilização nas escolas pode sensibilizar, ilustrar conteúdos teóricos e engajar os alunos em discussões sobre temas sociais, culturais e históricos. A colaboradora E, (2020), iniciou um cineclube escolar, reunindo alunos no horário de almoço e intervalo para assistir filmes sobre temas relevantes como amizade, igualdade de gênero, racismo, aborto e intolerância religiosa. A demanda para esses temas vinha dos próprios estudantes, que queriam discutir essas questões em um ambiente seguro e reflexivo.

Em 2014, o projeto evoluiu para um cineclube formal, realizando mostras de filmes estudantis focadas em direitos humanos. Para organizar as sessões, foram criadas comissões rotativas de alunos responsáveis pela curadoria dos filmes, divulgação, logística e condução dos debates. Essa estrutura permitia que os alunos escolhessem suas áreas de interesse e participassem ativamente da organização do cineclube.

CINE CLUBE NA ESCOLA

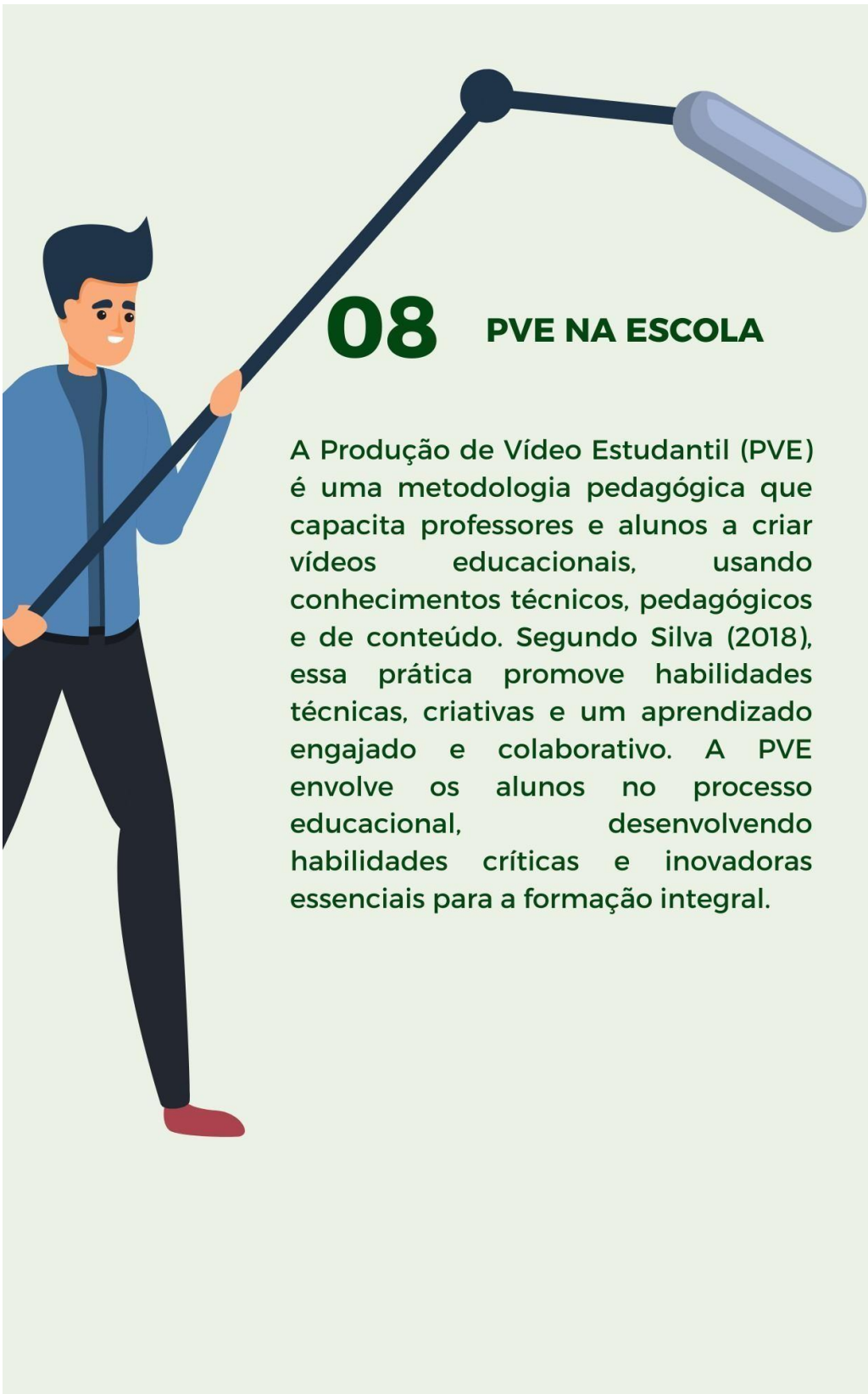
O cineclubismo promove a reflexão crítica sobre representações cinematográficas e suas implicações culturais e sociais. Enriquece o conhecimento dos alunos sobre diversas culturas e períodos históricos e contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. José Manuel Moran (1995) ressalta que o cineclubismo é uma ferramenta poderosa na educação, promovendo a reflexão crítica e ampliando o repertório cultural dos alunos. Marcos Napolitano (2007) complementa ao destacar a importância do cinema como fonte histórica e cultural, contribuindo para uma formação crítica e reflexiva dos estudantes. Teixeira (2010) sugere que a escola pode ensinar ao cineclubismo sobre dedicação e atenção com as crianças e adolescentes, promovendo ações colaborativas que beneficiam a todos.



CINE CLUBE NA ESCOLA

Durante a pandemia de Covid-19, o ensino remoto trouxe desafios adicionais. O colaborador I, (2021) utilizou filmes para tornar as aulas mais atrativas, exibindo um filme sobre a Primeira Guerra Mundial via Twitch e discutindo-o posteriormente no Google Meet. Essa adaptação mostrou como a tecnologia pode enriquecer a experiência educativa, promovendo uma aprendizagem dinâmica e envolvente.

O cinema ajuda os alunos a entenderem períodos históricos e suas complexidades, servindo como canal de diálogo sobre a construção de narrativas históricas. Durante a pandemia, assistir a filmes permitiu que os alunos vivenciassem experiências transformadoras, mesmo à distância. O cinema transporta o espectador para diferentes épocas e culturas, proporcionando uma imersão difícil de alcançar apenas com livros ou aulas expositivas. Após a exibição de um filme, os alunos discutem a veracidade das cenas e o processo de produção das narrativas históricas, promovendo uma visão crítica da História. Durante a pandemia, o cinema também serviu como alívio emocional, permitindo que os alunos "viajassem" no tempo e espaço, conhecendo civilizações antigas, revoluções e conflitos que moldaram o mundo, mantendo-se conectados à escola e ao aprendizado.



08 PVE NA ESCOLA

A Produção de Vídeo Estudantil (PVE) é uma metodologia pedagógica que capacita professores e alunos a criar vídeos educacionais, usando conhecimentos técnicos, pedagógicos e de conteúdo. Segundo Silva (2018), essa prática promove habilidades técnicas, criativas e um aprendizado engajado e colaborativo. A PVE envolve os alunos no processo educacional, desenvolvendo habilidades críticas e inovadoras essenciais para a formação integral.

PVE NA ESCOLA

Em 2012, durante o centenário de Luiz Gonzaga, a colaboradora E (2020), decidiu fazer um curta-metragem sobre a vida do artista. Lecionando Geografia, Arte e História, ela criou um projeto interdisciplinar que envolvia todas as matérias. Apesar de não ter experiência prévia, contou com a ajuda de um amigo que fazia cinema. Ela e os alunos da sexta série elaboraram o roteiro juntos, dedicando tardes ao projeto e enfrentando desafios como barulho e falta de experiência com a câmera. Usaram técnicas como stop motion e fotografia, e todos os alunos participaram, desde o figurino até a organização da filmagem.

A estreia do curta-metragem ocorreu num sábado de manhã, com a presença de pais e comunidade. O projeto desenvolveu habilidades técnicas, criatividade, autoestima e senso de pertencimento dos alunos. A PVE mostrou ser uma ferramenta poderosa e inclusiva, promovendo uma aprendizagem significativa e colaborativa. A experiência da colaboradora E (2020), demonstrou como a PVE pode transformar a educação, proporcionando uma formação mais rica e diversificada

09 **MODELOS DE PLANOS DE AULA** **PARA SER ADEQUADO A SUA REALIDADE**

Plano de Aula

"A Onda" e Regimes Totalitários

Objetivos:

- Compreender o contexto histórico e sociocultural da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.
- Analisar os mecanismos de manipulação e controle utilizados por regimes totalitários.
- Desenvolver habilidades de reflexão crítica e debate sobre a importância da democracia e da cidadania.

Competências da BNCC:

EM13CHS603: Compreender os processos de formação dos Estados modernos na Europa e suas relações de poder.

EM13CHS604: Analisar os impactos das Revoluções Liberais e das Revoluções de 1848 na construção de Estados nacionais.

EM13CHS605: Identificar os principais eventos e personagens da Primeira e Segunda Guerra Mundial e suas consequências.

1. Introdução e Contextualização

- Apresentação do filme "A Onda" e sua relevância histórica.
- Discussão sobre o contexto da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

2. Pesquisa e Discussão

- Dividir a turma em grupos para pesquisar sobre regimes totalitários, focando em Hitler e Mussolini.
- - Cada grupo apresenta suas descobertas e discute como esses regimes surgiram e se mantiveram.

3. Exibição do Filme

- Assistir ao filme "A Onda" com uma breve introdução sobre o diretor e a filmografia.
- Observar e anotar momentos chave que ilustram a manipulação e o controle exercidos pelo professor.

4. Reflexão e Debate

- Debate em sala sobre as questões levantadas no filme, como a ascensão de regimes totalitários e as razões econômicas e sociais que contribuíram para isso.
- Reflexão sobre a importância da democracia e da cidadania para prevenir a repetição de tais regimes.

5. Atividade Criativa

- Criação e apresentação de um pôster ou cartaz que resuma os principais pontos discutidos e a importância de aprender com a história.

Avaliação:

- Participação ativa nas discussões e atividades.
- Qualidade e criatividade dos pôsteres ou cartazes criados.

***"Ilha das Flores" **: Colaborador A (2020) menciona este documentário como uma opção tradicional, mas excelente para uso em sala de aula. Ele pode ser integrado a aulas que envolvem geografia e biologia, tornando-o uma opção versátil para o ensino interdisciplinar.

Plano de Aula: "Ilha das Flores" e Temas Interdisciplinares

Objetivos:

- Compreender questões socioeconômicas e ambientais apresentadas no documentário.
- Analisar as implicações geográficas e biológicas dos temas abordados.
- Desenvolver habilidades de reflexão crítica e interdisciplinar.

Competências da BNCC:

- Geografia:
- EF07GE06: Compreender a interação entre sociedade e natureza, identificando os impactos ambientais causados pela ação humana.

- Biologia:

- EF08CI05: Analisar processos biológicos em diferentes ecossistemas, relacionando-os com as atividades humanas.
-

10 PARA QUEM BUSCA MAIS INFORMAÇÕES

Para você trabalhar História do Rio Grande do Sul, José Inácio Garcia Campus (2018) em sua dissertação apresenta sugestões interessantes.

<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012744.pdf>

ACESSE AQUI



PARA FALAR SOBRE HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL



KUCHARSKI, KETRE MICHELE RODRIGUES. "SER AMÉLIA NÃO ME COMPLETA: UM DEBATE SOBRE GÊNERO ATRAVÉS DO CINEMA BRASILEIRO COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA". DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG), 2015. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://REPOSITORIO.FURG.BR/HANDLE/1/9035](https://repositorio.furg.br/handle/1/9035)>.



PARA FALAR SOBRE QUESTÕES ÉTNICO- RACIAIS

SILVA, PATRICIA PAES LEME ALBERTO OLIVEIRA. "USO DE FILMES NAS AULAS DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM UM CURSO DE FORMAÇÃO PARA O TRABALHO". DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL, UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANÁIBA, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema na escola vai além do ensino acadêmico, trazendo uma forte conexão afetiva. Os colaboradores da pesquisa relataram a falta de debate sobre o uso do cinema em suas formações. Há muitas possibilidades para seu uso, desde ilustrar conteúdos até cine debates virtuais.

Apesar das dificuldades nas escolas públicas e privadas, os professores adaptam-se, utilizando trechos ou filmes completos para manter a integridade da narrativa. É necessário ajustar atividades para estudantes do ensino fundamental.

Os filmes são reconhecidos como ferramentas pedagógicas valiosas pelos PCNs e BNCC, mas a Lei 13.006, que regulamenta a exibição de filmes, não é amplamente conhecida. Mesmo com a falta de tempo, os professores utilizam filmes na sala de aula, selecionando temas específicos e fazendo recomendações aos alunos.

Assistir ao filme completo é fundamental, e as atividades pós-filme incluem produção textual e debates, que promovem diferentes perspectivas. Os formatos variam entre longas, curtas, ficção, animação e documentários, ajustados ao contexto local. Para implementar atividades com cinema, os professores normalmente tem ligação afetiva com a sétima arte. Envolver os alunos no processo é crucial para o sucesso. Essa pesquisa destaca a importância da afetividade com o cinema, desde a infância até a escola, criando laços emocionais e novas oportunidades de aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998

CAMPOS, José Inácio Garcia. **Ensino de História, cinema e literatura: contribuições das obras de João Simões Lopes Neto e Tabajara Ruas na prática docente**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/9056>.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Aprendizagem histórica: narrativas autobiográficas como dispositivos de formação**. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/75826233/Aprendizagem_hist%C3%B3rica_narrativas_autobiogr%C3%A1ficas_como_dispositivos_de_forma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Papirus Editora. (1995).

NAPOLITANO, Marcos. **História & Cinema: Dimensões Históricas do Audiovisual no Brasil**. São Paulo, 2007.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **"Uma história sem fim - O cineclube abraça a escola."** In: Giovanni Alves e Felipe Macedo (Organizadores). Cineclube, Cinema & Educação. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2010, p. 125-137.

Filmes

FURTADO, Jorge. **"Ilha das Flores"**. 1989. Curta-metragem, Brasil. Produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre.

AMISTAD. Direção: Steven Spielberg. Produzido por DreamWorks Pictures, 1997. Drama histórico, EUA.

A ONDA (Die Welle). Direção: Dennis Gansel. Produzido por Constantin Film, 2008. Drama, Alemanha.

NETTO E O DOMADOR DE CAVALOS. Direção: Tabajara Ruas. Produzido pela Dist. própria, 2010. Drama histórico, Brasil. Elenco: Werner Schünemann, Tarcísio Filho, Fernanda Carvalho Leite.

DISSERTAÇÕES

AGUIAR, Maicon Roberto Poli de. O Oriente Médio Através de Outras Lentes: Uma Narrativa Audiovisual para Refletir as Representações sobre a Região em Sala de Aula. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173543>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRINGEL, Eliane Leite Barbosa. O Uso do Filme no Ensino e Aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos - EJA em Araguaína-TO. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Araguaína, 2016. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173168>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BROSSA, João Misael da Silva. A Escola Encontra o Passado no Cinema: "Luz, Câmera... Educação!". 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572934>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DIAS, Luciana Fernandes. A Leste de Bucarest: Cinema, História e Memória em Sala de Aula. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife, 2018. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430223>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FREITAS, Muriel Rodrigues de. Camilles, Pierinas e Eunice - Condenadas pela razão: Mulheres; Loucuras; Documentário e Ensino de história. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2018.

GARCIA, Murilo dos Santos. Movimento Cineclubista na Escola: um caminho possível para a execução da Lei 13.006/14. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586358>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DISSERTAÇÕES

SILVA, Vitaly Costa e. O aprendizado da linguagem cinematográfica como suporte para a promoção da consciência crítica nas aulas de história. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584835>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOUZA, Denildo de. Histórias em Movimentos: Conquistas e Resistências no Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí Mato Grosso do Sul. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-Graduação em Educação, Dourados, 2018. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431705>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GUIMARÃES, Leon Neves. Oficinas do Tempo: Elaboração e Execução de uma Sequência Didática no Ensino de História. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2020. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598274>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KLEINE, Denise Q. Cinema e Ensino de História: propostas para uma abordagem da pluralidade cultural nas séries finais do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173462>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LINS, Mariana Mendes. Linhas do Tempo: Trabalhando Tempo e Temporalidades com Alunos do 6º Ano. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174607>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DISSERTAÇÕES

MARTINS, Gisele Menezes. A Utilização do Cinema no Ensino de História: O Filme Virgem Margarida e a Política Sociocultural em Moçambique Pós-Independência. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586674>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Eva Simone de. Memorial Água da Fonte: Religiosidade Popular e Devoção ao Monge João de Maria no Município de Farol - PR (Narrativas e Produção Audiovisual). 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2020. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575543>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Nice Rejane da Silva. Cinema e Ensino de História na Escola Graça Aranha em Imperatriz - MA. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Luís, 2019. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431024>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINTO, Arthur Gibson Pereira. Super Heróis e Ensino de História, um Guia Visual: Sugestões Didáticas para o Uso de Filmes da Marvel e DC na Sala de Aula. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2018. Disponível em:

<<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430604>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINTO, Jonas Tadeu Amaral. A Hipótese-Cinema: Escola, Produção Audiovisual e Ensino de História. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572966>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

QUEIROZ, Deborah Silva de. Memória da Resistência à Ditadura Militar Brasileira: Guia para Utilização de Filmes em Sala de Aula. Dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2016.